

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 06/05/2027.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

VITÓRIA MARCHETTO

**DO GALENISMO E DA *AYURVEDA*: FORMAÇÃO E REGISTRO DE PRÁTICAS
MÉDICO-FARMACÊUTICAS EM GOA (SÉCULO XVIII)**

FRANCA

2025

VITÓRIA MARCHETTO

**DO GALENISMO E DA *AYURVEDA*: FORMAÇÃO E REGISTRO DE PRÁTICAS
MÉDICO-FARMACÊUTICAS EM GOA (SÉCULO XVIII)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (PPGH/UNESP), como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: História e Cultura Social.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Carolina de Carvalho Viotti.

Órgão financiador: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo FAPESP nº 2022/02706-7).

FRANCA

2025

M317g Marchetto, Vitória
Do Galenismo e da Ayurveda: : formação e registro de práticas
médico-farmacêuticas em Goa (século XVIII) / Vitória Marchetto. --
Franca, 2025
172 p. : fotos, mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca
Orientadora: Ana Carolina de Carvalho Viotti

1. História. 2. Índia portuguesa. 3. Medicina. 4. Farmácia. 5. Século
XVIII. I. Título.

Vitória Marchetto

**DO GALENISMO E DA *AYURVEDA*: FORMAÇÃO E REGISTRO DE PRÁTICAS
MÉDICO-FARMACÊUTICAS EM GOA (SÉCULO XVIII)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (PPGH/UNESP), como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: História e Cultura Social.

Banca examinadora

Prof.^a Dr.^a Ana Carolina de Carvalho Viotti (presidente)
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Prof.^a Dr.^a Patrícia Souza de Faria
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Prof. Dr. Fabiano Bracht
Universidade de São Paulo (USP)

Franca, 06 de maio de 2025.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Ana Carolina de Carvalho Viotti, pelas leituras atentas, correções, e indicações, mas, também, pela confiança em meu trabalho e por ser, desde meus dias como estagiária do CEDAPH, uma de minhas maiores inspirações. Esse trabalho não teria sido possível sem sua paciência e atenção. Obrigada, também, ao Prof. Dr. Rui Manuel Loureiro pela supervisão durante os meses de estágio em Portugal e por todas as valorosas contribuições durante esse período.

À Prof.^a Dr.^a Patrícia Souza de Faria e ao Prof. Dr. Fabiano Bracht, referências fundamentais para meu trabalho, pela leitura atenta da versão inicial da dissertação e por todas as valiosas sugestões apresentadas durante o Exame Geral de Qualificação e Banca de Defesa da dissertação.

Agradeço aos meus pais, Regina e Edmundo, e à minha irmã, Helena, pela paciência, incentivo constantes e por serem meus maiores suportes ao longo desse processo, mas, principalmente, por serem meu lar. Chegar aqui seria impossível sem o amor e a torcida de vocês. Agradeço também ao apoio de minhas avós, tias e primos e, em especial, agradeço ao Heitor, Clara, Matheus e Alice, meus sobrinhos de coração, por preencherem meus dias com tanta alegria.

À Beatriz, minha irmã de alma, e ao Vitor, amigo de quase duas décadas, por serem meus conselheiros de todas as horas, pelas risadas e por cada palavra amiga, que sempre me afastavam de minhas inseguranças. Sou imensamente grata por ter tido vocês ao meu lado durante essa jornada. Obrigada, também, à Laiane, à Stéfani e à Marissol, por, mesmo apesar das distâncias, estarem sempre presentes.

À Amanda e à Ana Laura, amigas que a graduação me apresentou e que, desde então, se tornaram partes tão importantes de minha trajetória. Obrigada pelos momentos de descontração e por toda companhia ao longo dos anos. Essa jornada não teria sido a mesma sem vocês!

À Maria Isabela, à Vitória e ao Leandro, amigos da vida e da profissão, por compartilharem comigo as aventuras desse percurso acadêmico; ao Bing, amizade tão importante que os dias em Lisboa – e as afinidades musicais – me proporcionou.

Agradeço, finalmente, à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (*campus* Franca) e ao Programa de Pós-Graduação em História; à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo financiamento à pesquisa e pela viabilização do período de estágio no exterior (processos n.º 2022/02706-7 e 2022/13599-7); à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que financiou a presente pesquisa

entre os meses de março e julho de 2022; ao Centro de Humanidades da Universidade NOVA de Lisboa e à Academia das Ciências de Lisboa, por oportunizar meu acesso aos Tomos I e II da obra *Medicina Oriental*. Um agradecimento especial à Prof.^a Dr.^a Patrícia Souza de Faria, por disponibilizar suas digitalizações dos catálogos de registros dos jesuítas em Goa, e aos funcionários da biblioteca da Universidade de Indiana, por proporcionar o acesso ao tratado *Methodo de Bem Viver & Itinerario Christam*.

“[...]
A sua idade? Algo superior a muitos milhares de anos, diz ele
Parece ser um tanto maluco – mas não o é.
Já se espatifou algumas vezes e se quebrou todo

Assim, quando visto, aparenta estar todo recomposto
como o mapa da Índia.”

Descrição do ausente, Kunwar Narayan
(Tradução de Gisele Giandoni Wolkoff)

RESUMO

Quais práticas e conhecimentos foram manejados e (des)escritos nos espaços de trato dos corpos na Goa setecentista? É essa a interrogação que norteia este estudo, que se vale, para respondê-la, de quatro receituários médico-farmacêuticos produzidos no contexto da Goa de fins do século XVII e do século XVIII: o *Caderno de Várias Receitas Orientais* (1696), de autoria de João dos Reis; o receituário médico-farmacêutico *Árvore da Vida* [...] (c. 1720), escrito pelo jesuíta Affonso da Costa e, finalmente, os dois tomos da obra *Medicina Oriental* (c. 1735-1786), cuja produção é creditada ao goês Luís Caetano de Meneses. A pesquisa considera o enfraquecimento político do Estado da Índia e a escassez de médicos europeus em Goa, o que abriu espaço para a atuação de curadores locais e missionários, especialmente os oriundos da Companhia de Jesus. Diante da alta incidência de doenças tropicais entre os europeus e da ineficácia de parte dos saberes médicos ocidentais, os conhecimentos nativos tornaram-se essenciais. Os *vaidyas*, médicos indianos praticantes da *ayurveda*, mesmo sob suspeita das autoridades portuguesas, exerceram papel central no cuidado à saúde, muitas vezes em interação com os religiosos católicos. Os jesuítas, formados nos moldes europeus e conhecedores da medicina hipocrático-galênica, atuaram tanto no atendimento direto quanto na administração hospitalar, conciliando práticas de cura com a evangelização. A convivência entre diferentes tradições nos espaços de cura, como hospitais e boticas, gerou trocas e adaptações: europeus incorporaram saberes locais no tratamento das enfermidades, enquanto curadores indianos assimilaram preceitos ocidentais para legitimar sua prática diante da administração colonial. A partir desta aproximação entre distintos conhecimentos, ingredientes e tradições operados dentro dos hospitais e boticas portugueses instalados em Goa, o estudo mapeia elementos que dão indícios da assimilação de distintos saberes médico-farmacêuticos nesses locais. Para tanto, empreendeu-se uma análise do *corpus* documental, bem como de obras bibliográficas de apoio, reunindo informações sobre os saberes e tradições que teriam se difundido entre os curadores europeus – médicos ou jesuítas – e *vaidyas* atuando nesses espaços ao longo do século XVIII, momento em que se testemunha a intensificação da presença dos religiosos e *panditos* nos espaços de trato dos corpos da capital do Estado da Índia.

ABSTRACT

Which practices and knowledges were handled and written in the spaces of health care in the Eighteenth-century Goa? This question guides this study, which uses four medical and pharmaceutical books written in Goa, during the end of the Seventeenth and along the Eighteenth Centuries. These books are *Caderno de Várias Receitas Orientais* (1696), written by João dos Reis; *Árvore da Vida [...]* (c. 1720), by Affonso da Costa and, finally, both volumes of *Medicina Oriental* (c. 1735-1786), whose production is credited to the goan Luís Caetano de Meneses. The research considers the Estado da Índia's weakened political scene and the consequent diminishment on the number of doctors considered appropriate to work on the healing of the bodies, leading to the increase of local healers and missionaries, especially Jesuits, working on the medical scene. The high rates of tropical diseases among the Europeans and the inefficiency of their medical knowledge raised the demand for the native healing arts. The *vaidyas*, native doctors who used the *ayurveda*, even though they became targets of suspicion for the Portuguese authorities, became essential in the health care scenario, where they were often interacting with the catholic missionaries. The Jesuits, on their turn, educated according to the European standards and the Hippocratic-Galenic theories, worked directly in the health care and gained significance in the administration of the hospitals in Goa, task they conciliated to the propagation of the Cristian faith. The coexistence between different traditions in the health care spaces such as hospitals and pharmacies led to exchanges and adaptations: Europeans incorporated local knowledge in the treatment of the diseases, meanwhile Indian healers assimilated western precepts to legitimate their practices towards the colonial administration. From this approach among different knowledges, ingredients and traditions operated inside the Portuguese hospitals and apothecary's shops established in Goa, our study maps elements that indicate the assimilation of distinct medical and pharmaceutical knowledges in these places. To do so, we will analyze the documents mentioned above, as well as supporting bibliographical works on the theme, gathering information about the knowledge and traditions that would have been spread among the European healers – doctors or Jesuits – and the *vaidyas* working in these spaces during the Eighteenth century, moment in which we note the raise of the missionaries and the *pandits* in the healing spaces of the capital of Estado da Índia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Página de título do Tomo I do manuscrito Medicina Oriental.	145
Figura 2 - Página de título do Tomo II do manuscrito Medicina Oriental.	146
Figura 3 - Página inicial do Caderno de Várias Receitas Medicinais Orientais.	147
Figura 4 - Frontispício do receituário Árvore da Vida [...].	148
Figura 5 - Página de título do receituário Árvore da Vida [...].	149
Figura 6 - Listagem feita por Luís Caetano de Meneses com ingredientes medicinais e suas possíveis substituições.	150
Figura 7 - Parte da sistematização de espécies vegetais feita por Meneses, de acordo com a época em que seriam mais proveitosas.	151
Figura 8 - Recorte de mapa da África Oriental, mostrando os territórios de Melinde, Mombaça e Moçambique e o Reino de Abutua.	152
Figura 9 - Mapa mostrando os territórios do Brasil e Peru.	153
Figura 10 - Figura anatômica humana. Desenho nepalês, c. 1800.	154
Figura 11 - Figueira do Inferno.	155

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: A EUROPA NA ÁSIA	28
Formas ocidentais de conceber e tratar os corpos	30
Elementos de botica importados e seus usos	43
CAPÍTULO II: A ÁSIA NA ÁSIA	68
Formas de ensinar e aprender medicina entre os <i>Vaidya</i>	70
Natureza do Oriente para obrar as curas.....	90
CAPÍTULO III: CRÍTICAS E DISPUTAS POR ESPAÇO EM OBRAS E LUGARES DE CURAR	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
ANEXOS	145
1. IMAGENS	145
2. GLOSSÁRIO	156
Bibliografia do glossário	161
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	161
Documentos	162
Documentos secundários.....	162
Estudos	164

INTRODUÇÃO

Frente a um cenário política e economicamente desgastado, a cidade de Goa, então capital do chamado Estado da Índia¹, via deteriorar também a conjuntura médico-farmacêutica lá estabelecida, com altas taxas de mortalidade e enfermidades infligindo, sobretudo, os soldados portugueses, fundamentais para a defesa do Estado.² Esse quadro favorece a incursão, dentro dos espaços de trato dos corpos, dos jesuítas, educados nos preceitos médicos europeus, e de curadores locais, versados sobretudo na chamada *ayurveda*, em um contexto em que ambos os grupos faziam circular os saberes vinculados à sua própria tradição, ao mesmo tempo em que assimilavam para si aqueles provenientes da outra. Considerando esse desenvolvimento de intercâmbios culturais nos hospitais e boticas do Oriente português, proporcionado pelos contatos desencadeados entre agentes portugueses e indianos, a presente investigação se norteará pelo seguinte questionamento: quais práticas e conhecimentos foram manejados e (des)escritos nos espaços de trato dos corpos na Goa setecentista? Analisaremos, portanto, o modo como distintos saberes foram apreendidos pelas culturas que não a sua de origem, pensando, ainda, no modo como essas informações foram adaptadas e nas condições que possibilitaram tais trocas na esfera do trato dos corpos da capital da Índia portuguesa nesse momento, para que, assim, possamos ampliar nossa compreensão acerca dos conhecimentos que esses homens da ciência detinham e em que se respaldavam para a prática de seu ofício.

No século XVIII, foram produzidos, em Goa, dois volumes intitulados *Medicina Oriental*, não assinados ou datados, mas cuja autoria credita-se ao goês Luís Caetano de Meneses e seu período de confecção é estimado entre os anos de 1735-1786³. Planejados para servir de auxílio aos enfermos da Índia, dividem-se, respectivamente, em *Medicina Oriental. Socorro indico aos clamores dos pobres enfermos do Oriente para a total profiligação de seus males* e *Medicina Oriental. Pharmacia Indiana*: o Tomo I é dividido em sete tratados, que discorrem acerca das plantas, peixes, aves, animais quadrúpedes, animais reptantes, metais e minerais e pedras, cada um destes organizado por tópicos, ordenados alfabeticamente, que

¹ “Estado da Índia”, no século XVI, referia-se aos “[...] territórios, estabelecimentos, bens, pessoas e interesses administrados pela Coroa portuguesa no Oceano Índico e mares adjacentes ou nos territórios ribeirinhos, do Cabo da Boa Esperança ao Japão”. Cf.: THOMAZ, Luís Filipe F. R. *De Ceuta a Timor*. Portugal: Difel, 1994, p. 207.

² WALKER, Timothy. Acquisition and Circulation of Medical Knowledge within the Early Modern Portuguese Colonial Empire. In.: BLEICHMAR, Daniela; VOS, Paula de; HUFFINE, Kristin; SHEEHAM, Kevin (eds.). *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500-1800*. Stanford: Stanford University Press, 2009, p. 248.

³ Pautaremos na datação estimada pelo historiador Fabiano Bracht, que, através de referências a outros tratados médicos incluídas ao longo do *Medicina Oriental* e da informação sobre a morte de Meneses – presente no tratado *Memórias e descrições das produções da natureza apresentadas à Real Academia das Sciencias de Lisboa* (1786), de Francisco Luís de Menezes –, determinou seu momento de escrita entre os anos 1735 e 1786.

informam sobre as qualidades dos diversos itens pertencentes a seus respectivos grupos; o Tomo II foi organizado em 10 tratados que, por sua vez, dividem-se em capítulos dedicados a conceder explicações farmacêuticas e naturais gerais e ensinar as receitas farmacêuticas em que os ingredientes abrangidos pelo Tomo I poderiam ser utilizados.

Fica sinalizada, no primeiro volume da obra, a obediência de seu autor ao catolicismo e às leis divinas, ao declarar sua dedicação em benefício destes para atender às necessidades dos enfermos,

[...] especialmente pobres, cujo benefício ficou sempre a Vossa conta sacrificando a Vós [...] o primeiro tomo da Historiologia das Plantas, Peixes, Aves, Animais, Metais, Minerais para o uso da medicina, que, torno a dizer, toda é vossa, pois “a Deo est omnis medela”⁴ com cujas qualidades, por mais acomodadas ao clima e, pela vossa sapientíssima providência, proporcionadas as doenças do mesmo terreno se conseguira melhor a sanidade “Nam omnes loci non eadem mala producunt, nee eadem omnibus conferunt”⁵ [...] posto que, para aproveitarem mais, sobrava a qualidade de serem recentes e, para se abraçarem, bastava a segurança de se acharem germinados no próprio país.⁶

O excerto supracitado, além de indicar para a influência do catolicismo na obra de Meneses, mostra alguns pressupostos em que se respaldara para a confecção de seu manuscrito médico, a saber: que o mundo natural deveria ser empregado para o trato das doenças que acometiam os homens, as qualidades desses elementos condizendo com o clima dos locais onde eram encontrados, sendo, portanto, ideais para a cura das enfermidades recorrentes nestes mesmos espaços. Por isso, o manuscrito indiano, voltado aos cuidados com a saúde daqueles que se encontravam na Índia, fora carregado com informações sobre vegetais, animais e minerais facilmente encontrados na Ásia e, portanto, acessíveis aos enfermos do Oriente.

No momento de produção do *Medicina Oriental*, o Estado da Índia, antes uma das mais preciosas possessões da Coroa portuguesa, afastara-se de seu período de esplendor. Nesse contexto, as populações de Goa, tanto europeias como asiáticas, sofriam com as mencionadas altas taxas de enfermidades e mortes, desastres atribuídos, sobretudo, ao clima indiano – julgado insalubre. Ao mesmo tempo, Goa lidava com a falta de profissionais considerados habilitados ao exercício dos ofícios médicos, isto é, curadores europeus formados de acordo com os preceitos humorais hipocrático-galênicos, teoria que, desde sua formulação na Antiguidade, formara a base do pensamento médico europeu, em especial o português, em meio ao qual ainda

⁴ “De Deus vem toda a cura”, tradução livre.

⁵ “Pois nem todos os lugares produzem os mesmos males, nem oferecem as mesmas coisas a todos”, tradução livre.

⁶ MENESES, Luís Caetano de. *Medicina Oriental. Socorro Indico aos clamores dos Pobres Enfermos do Oriente para total profligação de seus males*, Tomo I, c. 1735-1786, Dedicatória à Santíssima Trindade, n.p. Destaco que as citações colocadas no presente trabalho terão sua grafia atualizada para os padrões atuais.

vigorava no século XVIII. Esse quadro de ampla incidência de doenças, somado à falta de médicos portugueses, contribui para que adquirissem relevância na esfera médico-farmacêutica goesa os chamados *vaidyas*⁷ – ou *panditos*, como denominados pelos portugueses –, praticantes da *ayurveda*, arte médica respaldada, em grande medida, em preceitos do hinduísmo e, por isso, vista com desconfiança pelas autoridades lusas, bem como pelos jesuítas, que, por sua vez, alinhavam seus trabalhos de catequização à assistência aos enfermos indianos, estas personagens tendo, inclusive, se destacado na administração de hospitais e, ainda, trabalhado na confecção de obras de cunho médico-farmacêutico voltadas à popularização do saber medicinal.

Dentre essas obras de autoria jesuíta, salta aos olhos o receituário *Árvore da Vida dilatada em vistosos, e salutíferos ramos ornados de muitas aprasiveis, e saudaveis folhas em que se deixão ver muitos, e singulares remédios assim simplices, como compostos, que a Arte, a experiência, a industria, e a curiosidade descubrio, para curar com facilidade quasi todas as doenças, e queixas, a que o corpo humano esta sojeito, principalmente em terras destituídas de Medicos, e Boticas*, produzido também em Goa, pelo padre Affonso da Costa e, embora não tenha sido datado pelo autor, fora finalizado, provavelmente, na primeira metade do século XVIII. Localizado atualmente no acervo da Wellcome Library, em Londres, o *Árvore da Vida* [...] dispõe as enfermidades e fármacos em ordem alfabética, seguindo a metáfora de uma árvore. Nesse sentido, esse primeiro volume do receituário é o Tronco 1, que se divide em cinco Ramos, cada um correspondente a uma letra do alfabeto,⁸ ramos estes, por sua vez, compostos por Folhas, cada uma referente a um mal ou a uma mezinha útil contra variadas enfermidades. Ademais, ao longo da obra, observamos indícios da existência de um segundo Tronco do *Árvore da Vida* [...], que, no entanto, permanece desconhecido.

A preocupação do missionário em que as informações contidas em sua obra se difundissem era tamanha que da Costa deixa expressa sua intenção de que o receituário fosse traduzido, por algum curioso caridoso,

[...] na língua dos mouros e gentios desta Ásia; porque, sem dúvida, seria grande a utilidade que disso se seguiria: e se chegasse a estampar-se nos mesmos idiomas em que se vertesse, seria incomparável o lucro; porque não haveria mouro nem gentio que soubesse ler que a não quisesse comprar por todo o preço; e me persuado por muitos e bons fundamentos, que ainda entre católicos, europeus e asiáticos deste Estado, escassamente se achará casa que

⁷ Vale destacar que as palavras “*vaidya*” e “*ayurveda*” não são mencionadas na documentação empregada para a presente pesquisa. Em nossas fontes, os curadores nativos são referenciados como “*panditos*” e “gentios” e apenas no *Caderno de Várias Receitas* [...] identificamos o uso do termo gentilidade em referência às práticas medicinais asiáticas.

⁸ O Tronco 1 abrange enfermidades e mezinhas iniciadas com as letras A, B, C, D e E.

não compre esta obra depois de impressa. E até em Europa e América, onde se pratica o idioma português, cuido eu que os curiosos, principalmente em terras destituídas de médicos, cirurgiões e boticas, a quererão ter consigo para por ela se regerem [...].⁹

Assim, Affonso da Costa coloca em evidência o objetivo de que o *Árvore da Vida* [...] circulasse pelos quatro continentes conhecidos, e, deste modo, alcançasse um amplo número de pessoas, sobretudo aquelas que se encontravam em territórios com assistência médica precária. A importância atribuída às traduções para a adaptação de determinado saber em espaços dos mais plurais pode ser igualmente observada no Tomo I do *Medicina Oriental*, onde Meneses, ao intitular cada tópico referente ao elemento natural de que discorrerá em sequência, registra as denominações do elemento em questão em variadas línguas, preocupando-se em destacar os nomes pelos quais eram conhecidos em concani, língua falada em Goa, e português, frequentemente traduzindo também em latim, francês, alemão, entre outros idiomas. A preocupação com o entendimento do leitor era tal que Meneses dispensa parte de sua “Notícia a quem ler”, nos Tomos I e II, para instruir sobre a pronúncia de palavras na língua nativa. O goês escreve:

Como para fácil percepção dos leitores indianos, escrevo muitos nomes em língua do país, advirto duas coisas, a primeira que se profira a letra “a”, escrita com a figura seguinte “a”, com o fim declinante para a letra “o” vg. nestas palavras, “carângi”, “carândi” e sendo a dita letra “a” escrita na forma seguinte “a”, se profira com o som verdadeiro dela, como observam os latinos na pronúncia de suas palavras vg. “caratí”, “laceyâm”. A segunda advertência é que, todas as vezes que achares nas palavras escritas em idioma natural dos filhos de Goa dois “dd”, ou dois “ll”, ou dois “nn”, ou dois “tt” escritos juntos em uma sílaba, se devem proferir com o som mais carregado, tocando a ponta da língua ao meio do céu da boca, e descarregando ligeiramente ao seu centro, como vg. nas palavras seguintes “benddi”, “agaddô”, “cansallûm”, “pimplli”, “carennôm”, “porpottô”, “vagantti”.¹⁰

Nessa esteira, para que fossem viabilizadas as conexões entre distintas culturas, falantes de diferentes idiomas, tornou-se necessária a existência de uma língua veicular¹¹ e, embora o português tenha se tornado o principal idioma para as comunicações na porção asiática do Império,¹² o concani foi estudado e, inclusive, adaptado para caracteres latinos, trabalho

⁹ COSTA, *Árvore da Vida dilatada em vistosos, e salutíferos ramos ornados de muitas aprasiveis, e saudaveis folhas* [...]. Goa, c. 1720, Antelóquio ao Leitor, n. p.

¹⁰ MENESES, *op. cit.*, Tomo I, Notícia a Quem Ler, n. p.

¹¹ THOMAZ, *op. cit.*, 1994, p. 209.

¹² DISNEY, Anthony. Portuguese Expansion, 1400-1800: Encounters, Negotiations, and Interactions. In.: BETHENCOURT, Francisco; CURTO, Diogo Ramada. *Portuguese oceanic expansion, 1400-1800*. Nova York: Cambridge University Press, 2007, p. 299.

empreendido pelos jesuítas, que se apoiaram no domínio deste idioma para melhor efetivar os trabalhos de evangelização dos nativos.¹³

No que toca os contatos entre lusos e indianos, Ângela Barreto Xavier (2003) sublinha que, inicialmente, em Portugal e nos territórios sob sua administração, os portugueses guiavam as perspectivas que depositavam sobre outras culturas de acordo com a ideia de que a situação política dos indivíduos seria resultante de suas condições de nascimento, isto é, diferentes culturas conservariam diferentes direitos.¹⁴ Nesse sentido, os habitantes de Goa, assim como aqueles de quaisquer outros territórios sob autoridade do Império, vistos como infiéis e inaptos à compreensão da civilização, não eram considerados como verdadeiros súditos de Portugal e, por isso, indignos dos mesmos direitos conferidos aos portugueses.¹⁵ Ainda no que se refere aos privilégios detidos pelos portugueses, apesar dos já mencionados elevados índices de doenças e mortalidade, tanto entre esses recém-chegados lusos como entre os goeses, vale destacar que, de acordo com Xavier, durante a administração portuguesa no Oriente, os trabalhos de assistência aos necessitados, no Estado da Índia, seriam pensados de acordo com as concepções de São Tomás de Aquino, que pressupunham a estipulação de uma hierarquia merecedora desse serviço, hierarquia esta que deveria ser estabelecida a partir da proximidade entre receptor de assistência, Deus e aquele que lhe assistiria.¹⁶ Nesse sentido, a autora explica que, em um contexto em que predominavam, sob o jugo português, indivíduos não-cristãos, os soldados lusos seriam aqueles no topo dessa hierarquia digna de amparo, por serem portugueses cristãos agindo em benefício do Império – ou seja, próximos de Deus e daqueles que agiam em benefício da assistência –, lógica esta que teria respaldado a criação do Hospital Real de Goa, instituição voltada exclusivamente para o cuidado dos soldados lusos.¹⁷

É no Hospital Real de Goa que João dos Reis, presumivelmente um curador português, manifesta ter se ocupado dos ofícios médicos, registrando, em seu *Caderno de Várias Receitas Medicinais Orientais*, uma série de indicações acerca dos procedimentos e mezinhas empregados, naquele momento, dentro dos espaços de trato dos corpos estabelecidos na cidade de Goa. Datado de 1696 e localizado, atualmente, na Biblioteca Nacional de Portugal, o *Caderno de Várias Receitas [...]* organiza-se em tópicos dedicados a tratar sobre enfermidades que Reis teria tratado ou fármacos e terapêuticas que aprendera durante o exercício de seu

¹³ THOMAZ, *op. cit.*, 1994, p. 257.

¹⁴ XAVIER, Ângela Barreto. A invenção de Goa. Poder imperial e conversões culturais nos séculos XVI e XVII. Tese (Doutorado em História & Civilização) - Departamento de História E Civilização, Instituto Universitário Europeu, Florença, p. 662, 2003, p. 538-539.

¹⁵ *Ibid.*, p. 359-360.

¹⁶ *Ibid.*, p. 399-400.

¹⁷ *Ibid.*, p. 400.

ofício, destacando, em especial, métodos que assimilara observando nativos asiáticos que compartilhavam com ele os espaços de cura de Goa – não deixando de apontar, com alguma recorrência, suas críticas às práticas dos *panditos*, motivadas, sobretudo, por suas desconfianças com relação à forma como eram educados nas artes médicas.

Os registros de Reis, da Costa e Meneses, todos referentes à conjuntura médico-farmacêutica goesa de fins do século XVII e XVIII, contribuem para evidenciar que a preocupação direcionada aos cuidados com os corpos, existente desde o início da fixação portuguesa na Índia – em virtude das já mencionadas altas taxas de mortalidade –, teria se conservado até o século XVIII, momento em que o poderio português na Ásia se extenuava. Também por isso, são fontes privilegiadas para a análise que empreendemos neste estudo.

Sanjay Subrahmanyam, em *The Portuguese Empire in Asia, 1500-1700* (2012), argumenta que, apesar dos vínculos estabelecidos entre o continente europeu e o Oceano Índico datarem do Medievo, pouco se sabia sobre a Ásia no momento de chegada de Vasco da Gama a Calicute, em 1498.¹⁸ O historiador destaca a instabilidade política do subcontinente indiano em meio a qual os portugueses se estabeleceram, com o nascimento de novos Estados e enfraquecimento de outros, bem como para a inconstância das redes comerciais e de poder do próprio Império português, que se defrontou, ainda, com a configuração religiosa da Índia, onde, pouco antes de sua chegada, testemunhou-se o crescimento do islamismo e de ramos do budismo, com os quais o cristianismo, vinculado aos recém-chegados lusos, logo se juntou.¹⁹ Percebe-se, nesse sentido, que, embora muito se ignorasse acerca da geografia e cultura indianas durante esses contatos iniciais no século XV, o cenário com que os portugueses se depararam abrangia distintas culturas, entre as quais estavam estabelecidas suas próprias dinâmicas de poder, comércio e, ainda, de trocas culturais. Considerando a variedade de saberes em contato na Ásia anteriormente à chegada dos portugueses, destacamos que a presente pesquisa busca suspender a centralidade outrora atribuída ao continente europeu como principal produtor de conhecimentos científicos e responsável pela difusão destes pelas consideradas “periferias”.²⁰ Os povos asiáticos, dotados de seus próprios saberes científicos, teriam sido participantes ativos nas zonas de contato e nos processos de trocas de saberes desencadeados nos espaços de fronteira do continente asiático. Deste modo, a pesquisa demonstra que portugueses e indianos se beneficiaram dos saberes científicos – sobretudo os medicinais e naturais – uns dos outros,

¹⁸ SUBRAHMANYAM, Sanjay. *The Portuguese Empire in Asia, 1500-1700: a political and economic history*. Chichester: John Wiley & Sons Limited, 2012, p. 60.

¹⁹ *Ibid.*, p. 11-13, 30-31.

²⁰ RAJ, Kapil. Go-Betweens, Travelers, and Cultural Translators. In.: LIGHTMAN, Bernard. *A Companion to the History of Science*. Reino Unido: John Wiley & Sons Ltd, 2016, p. 39.

saberes estes em circulação pelos espaços fronteiriços e que foram, portanto, mutuamente assimilados.

Tendo atraído atenção com o início do comércio árabe na costa indiana, Goa fora beneficiada por sua localização estratégica, especialmente na comercialização de cavalos árabes, e de fácil defesa, cercada, de um lado, com a cordilheira dos Gates Ocidentais e, de outro, por rios.²¹ Sob soberania do sultão de Bijapur desde 1471, a cidade foi conquistada, em 1510, por Afonso de Albuquerque – que, nos anos seguintes, tomou Malaca e Ormuz, formando, deste modo, um conjunto de bases estabelecidas para o favorecimento do comércio no Índico –, tornando-se a capital do Estado da Índia e estabelecendo-se, ainda, como o mais importante porto comercial na região.²² Ainda que a administração de Albuquerque tivesse sido marcada por certa liberdade religiosa, sem grandes preocupações com a conversão dos hindus – estratégia que visava a obtenção de apoio ao governo português por parte das populações nativas –, os próximos vice-reinados, impulsionados por movimentos como a Contrarreforma e a chegada em Goa da Companhia de Jesus, em 1542 – de onde se deslocaram para outras paragens na Ásia²³ –, alteraram o cenário religioso no Estado da Índia.²⁴

Quando da chegada dos jesuítas na Ásia, estava em vigor o Padroado Real, instituição que, em linhas gerais, buscava suporte da Coroa lusa em troca de conceder a esta benefícios e deveres ao longo dos territórios que receberiam as missões católicas. Esses benefícios, estipulados por bulas papais elaboradas nos séculos XV e XVI,²⁵ consistiam, entre outros, na construção de igrejas e conventos nos territórios que administravam, na indicação de possíveis candidatos para a ocupação de cargos no clero e até mesmo na possibilidade de definir limites para o exercício de autoridade do clero, tudo isso desde que não interferisse em assuntos relativos aos dogmas da Igreja.²⁶ Embora o poder concedido à Coroa pelo Padroado excedesse a autoridade eclesiástica – o que levaria o papado a criar, em 1622, a chamada *Propaganda*

²¹ THOMAZ, *op. cit.*, 1994, p. 248.

²² SUBRAHMANYAM, *op. cit.*, p. 73; BOXER, Charles. *A Índia Portuguesa em meados do século XVII*. Lisboa: Edições 70, 2015, p. 15; BOXER, Charles. *O Império Marítimo Português, 1415-1825*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 61; DISNEY, Anthony R. *A History of Portugal and the Portuguese Empire. From Beginnings to 1807 – Volume 2: The Portuguese Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 130.

²³ ALDEN, Dauril. *The Making of an Enterprise. The Society of Jesus in Portugal, its Empire and Beyond, 1540-1750*. Stanford: Stanford University Press, 1996, p. 47.

²⁴ THOMAZ, *op. cit.*, 1994, p. 248, 253.

²⁵ DORÉ, Andréa; FARIA, Patrícia Souza de. *O espaço índico*. In.: ARAÚJO, André de Melo; DORÉ, Andréa; LIMA, Luís Filipe Silvério; MACHEL, Marília de Azambuja Ribeiro; RODRIGUES, Rui Luis (org.). *A Época Moderna*. Petrópolis: Vozes, 2024, p. 273.

²⁶ BOXER, Charles. *A igreja militante e a expansão ibérica: 1440-1770*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 38-100.

Fide, assentada com vista a reduzir o controle português sobre a instituição²⁷ –, a Igreja teria contribuído amplamente para a consolidação da administração portuguesa pelo Oriente, os religiosos consistindo em agentes viabilizadores das aproximações com os nativos, fosse por meio de seus trabalhos de assistência – inclusive, no trato dos corpos –, mas, também, do estudo e apropriação das línguas nativas,²⁸ tudo isso em benefício de sua tarefa de imposição da fé cristã. Nesse sentido, o ímpeto evangelizador no Estado da Índia – vinculado, portanto, aos objetivos do Padroado – nos governos seguintes ao de Albuquerque fora marcado, para além das aproximações pautadas nos serviços assistenciais entre religiosos e indianos, por práticas de repressão contrárias às religiões nativas, com a destruição de templos, tentativas de divisão, por bairros, entre cristãos e hindus²⁹ e de impedimentos para celebrações religiosas não-católicas,³⁰ além da instalação, em 1560, do Tribunal da Inquisição de Goa, cujo poder incidia sobre os hindus, muçulmanos, nativos convertidos, cristãos novos e, até mesmo, portugueses e outros europeus.³¹

O Estado da Índia, antes tão promissor à Coroa lusa, tendo atingido seu ápice no início do século XVII,³² enfrentava um período de enfraquecimento no Setecentos, decorrente, sobretudo, das ameaças holandesas e inglesas, bem como de povos asiático – dentre os quais se destacavam os Maratas e Omãs,³³ mas, também, poderes como o mongol e o japonês, que vinham procurando por sinais de debilidade no Império³⁴ –, para os quais havia, inclusive, perdido parte de seus territórios.³⁵ Ademais, na primeira metade do século XVII, com a presença marítima holandesa e inglesa no Oceano Índico, o comércio ultramarino português na Ásia encontrava-se já comprometido,³⁶ as negociações ocorridas no interior do continente asiático tendo se tornado, desde o Quinhentos, mais lucrativas do que o comércio com o Ocidente.³⁷ Acreditava-se que o anseio português em tomar mais territórios do que conseguiriam defender, somado ao seu descuido e lentidão na tomada de decisões e às demoras nas comunicações, que atrasavam informes oficiais, também teriam favorecido o esgotamento que vinha sofrendo o

²⁷ DORÉ; FARIA, *op. cit.*, 2024, p. 274.

²⁸ THOMAZ, *op. cit.*, 1994, p. 257.

²⁹ *Ibid.*, p. 257.

³⁰ BOXER, *op. cit.*, 2007, p. 135.

³¹ DORÉ; FARIA, *op. cit.*, 2024, p. 271.

³² DISNEY, *op. cit.*, 2009, p. 167.

³³ BOXER, *op. cit.*, 2002, p. 146.

³⁴ DISNEY, *op. cit.*, 2009, p. 168.

³⁵ DISNEY, *op. cit.*, 2009, p. 314.

³⁶ *Ibid.*, p. 167-8.

³⁷ THOMAZ, *op. cit.*, 1994, p. 251.

Império Oriental Português.³⁸ É importante destacar, finalmente, que, apesar desse processo de retração pelo qual passara, Portugal, beneficiado por conflitos desencadeados entre seus inimigos na Ásia, assim como pelos períodos de calma intercalados às turbulências políticas que enfrentava, conseguiu manter certa estabilidade no Oriente durante o final do século XVII e o século XVIII, permitindo ao Estado da Índia uma recuperação vacilante, sem que, no entanto, recobrasse a grandiosidade que outrora possuía.³⁹

Affonso da Costa faz menção à conjuntura conflituosa instalada sobre a Ásia portuguesa durante o período de produção de seu manuscrito. Ao informar sobre os trabalhos que teria interrompido para se dedicar ao *Árvore da Vida* [...], escreve que apenas um deles estaria mais adiantado no processo de confecção, não havendo conseguido, até aquele momento “[...] fazer o mesmo aos mais assim por causa das guerras, como por outras ocupações e não pequena falta de saúde”.⁴⁰ Nesse excerto, para além de informar sobre o contexto de turbulências que faceava, da Costa enfatiza outros trabalhos com que se ocupou, intitulados *Chave Teológica* e *Harmonia Evangélica*. Embora não tenhamos conseguido encontrar os trabalhos listados pelo jesuíta, localizamos, no acervo da Universidade de Indiana, nos Estados Unidos, a cópia impressa de uma obra de nome *Methodo de Bem Viver & Itinerario Christam*, assinada pelo Padre Affonso da Costa da Companhia de Jesus da Província de Goa, presumivelmente, o mesmo Affonso da Costa responsável pela compilação do *Árvore da Vida* [...]. Publicada em 1716⁴¹, em Lisboa, na oficina de Joseph Lopes Ferreyra, o *Methodo de Bem Viver* [...], foi dedicado a D. Luís da Costa, que, de acordo com o jesuíta, seria “mestre de campo da milícia portuguesa e do Conselho Real no Estado da Índia”, simpático aos missionários da Companhia, e, além de ter ocupado cargos políticos, como o de vereador de Goa, dera suporte à Santa Casa de Misericórdia e era frequentador assíduo do Hospital Real, prestando visitas aos soldados lá acolhidos.⁴² Affonso da Costa divide seu tratado religioso em três livros que se propõem a ensinar, respectivamente, sobre ações a serem empreendidas durante o dia e a noite e que levariam à salvação da alma; métodos a serem seguidos pelos fiéis ao se confessar e, por fim, métodos para orações. O jesuíta informa que decidiu se dedicar à produção deste livro em razão

³⁸ BOXER, *op. cit.*, 2015, p. 15, 18-19.

³⁹ BOXER, *op. cit.*, 2002, p. 158; DISNEY, *op. cit.*, 2009, p. 314.

⁴⁰ COSTA, *op. cit.*, c. 1720, Antelóquio ao Leitor, n. p.

⁴¹ Vale destacar que, embora o livro tenha sido impresso em 1716, sua dedicatória a D. Luís da Costa é datada de 23 de dezembro de 1713 e a licença da Companhia para sua publicação, emitida em Évora, de 18 de fevereiro de 1715. As licenças do Santo Ofício, por sua vez, são registradas em 17 de maio, 15 e 18 de junho, 21, 22 e 27 de novembro de 1715.

⁴² COSTA, Affonso da. *Methodo de Bem Viver & Itinerario Christam*. Lisboa: Oficina de Joseph Lopes Ferreyra, 1716, n. p.

das “[...] devotas instâncias que me fizeram e os santos desejos que de seu aproveitamento espiritual me mostraram os Colegiais do Seminário da Santa Fé de Goa, onde eu estava por prefeito, sendo teólogo [...]”,⁴³ indicando, deste modo, a função que ocupava em Goa no Seminário, instituição que, resumidamente, fora fundada em 1541, recebera a participação dos padres inacianos a partir de 1542 e fora por eles anexada ao Colégio de São Paulo em 1548, sua função principal consistindo na formação de um clero nativo em que os asiáticos admitidos, após educados no cristianismo, voltariam para suas terras como pregadores.⁴⁴

Retomando o *Árvore da Vida* [...], observamos serem poucas as informações fornecidas por da Costa acerca de si mesmo, para além de sua atuação como missionário no Oriente português, de sua dedicação a outros textos e das menções a suas andanças pela Índia – passando por Diu e por territórios ocupados pelos maratas, por exemplo. Sabemos que, apesar de se declarar como um compilador, que resumia informações aprendidas com outros autores, em diversas passagens fala sobre ter experimentado os procedimentos que recomenda; que teria dedicado mais de três décadas à produção do *Árvore da Vida* [...] – em meio as quais possivelmente dedicara algum tempo para a produção do *Methodo de Bem Viver* [...] – e que já vinha dando andamento na confecção do segundo volume do receituário, do qual não temos notícias acerca da existência. Identificamos, ao longo desse Tronco 1, diversas menções ao Tronco 2 da *Árvore da Vida* [...], respaldando a informação de que a obra, se não já iniciada, estaria, ao menos, estruturada de acordo com os males que abrangeria em cada uma de suas folhas. Podemos mencionar, dentre as várias referências colocadas ao Tronco 2, indicações de que remédios para a cura de abscessos causados pela mordida de animais venenosos estariam nas Folhas 22 a 28 do Ramo 1; instruções para a fabricação da chamada água Benedicta seriam encontradas na Folha 16 do Ramo 5 e recomendação de fármacos para **chagas**⁴⁵ dos narizes se localizariam nas Folhas 11 a 13 do Ramo 2.

Ademais, através de catálogos localizados no *Archivum Romanum Societatis Iesu* (ARSI), foi possível a identificação de registros acerca de um padre inscrito como Alphonsus – outras vezes, Affonço ou Affonsus – da Costa, em missão na Índia nas primeiras décadas do século XVIII, quiçá, o mesmo Affonso da Costa responsável por compilar o *Árvore da Vida* [...]. Caso o Alphonsus da Costa registrado nos catálogos de missionários em Goa trate-se,

⁴³ COSTA, *op. cit.*, 1716, prólogo, n. p.

⁴⁴ BORGES, Felipe Augusto Fernandes; MENEZES, Sezinando Luiz; COSTA, Célio Juvenal. A Companhia de Jesus e o Seminário de Santa Fé em Goa (1541-1548). *História Unisinos*, v. 24, n. 3, pp. 432-445, 2020.

⁴⁵ A sinalização em negrito de determinadas palavras ao longo do texto indica que estas encontram-se dispostas em um glossário, anexado ao fim do trabalho.

realmente, de nosso autor, somos informados de que esse homem, natural de Faro, teria sido admitido na Companhia em Évora, em 15 de março de 1699 ou 1700,⁴⁶ quando tinha 19 anos, e professado seus votos dezesseis ou dezessete anos depois, em 25 de dezembro de 1716 – ano de publicação do *Methodo de Bem Viver [...]* e em que estaria integrando o Seminário da Santa Fé. Antes disso, em novembro de 1713, da Costa já estaria estabelecido em território asiático e, tendo concluído seus estudos e ensinado latim e gramática por dois anos, ocupava o cargo de ministro da casa professa – talvez o referido cargo no Seminário da Santa Fé – enquanto aguardava para ser promovido. Em registros feitos em 1719, elucida-se que o jesuíta, após um período de trabalhos missionários em Kitur, teria, por questões de saúde, sido enviado novamente à Goa, exercendo o ofício de pároco em Salcete e, finalmente, em 1725, informa-se que, de lá, fora enviado ao Norte e, naquele momento, era reitor no Colégio de Diu. “Alphonsus da Costa” aparece novamente em listas de jesuítas na Índia nos anos de 1728 e 1733, mas sem informações sobre seu paradeiro ou a função que exercia. Para além dos caminhos que percorreu enquanto missionário, os registros do ARSI indicam algumas descrições sobre os atributos do padre. Ele seria, portanto, um homem inteligente e experiente, mas imprudente; bom escritor, com aptidão para os deveres da sociedade, mas sem talento como governante; alto, com saúde mediana e sua complexão é caracterizada, em primeiro momento, como sanguínea com tendência à melancolia, em registro posterior, como sanguínea com tendência à fleumática e, mais adiante, como colérica.⁴⁷

Ainda que não saibamos os problemas de saúde que teriam feito com que da Costa voltasse à Goa, o *Árvore da Vida [...]* sugere alguns quadros de doença com que teria sofrido, valendo destacar o acometimento de fortes dores ciáticas por um período de vinte dias que, mesmo assistido por um médico e um cirurgião, não foram resolvidas até “[...] a poderosa intercessão do nosso S. João Francisco Régis, cuja beatificação então se celebrava; porque, valendo-me dele e fazendo-lhe um voto, de repente fiquei são”.⁴⁸ O fato de a beatificação de São João Francisco Régis ter acontecido em 1716 serve como indicativo de que ao menos partes

⁴⁶ O registro sobre o ano que da Costa teria entrado na ordem é o único que difere nos catálogos. As demais informações – como sua origem e idade – permanecem as mesmas.

⁴⁷ ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU, Goa 26. *Secundus Catalogus Personarum ex Provincia Goanna*. 1713, p. 56v; *Tercius Catalogus Personarum ex Provincia Goanna Per dotes et qualitates*. 1713, p. 65v; *Catalogo dos Padres e Irmaos da Comp^a de JESUS da Provincia de Goa*. 1716, p. 73v; *Catalogus per dotes, et qualitates sociorum ad Goanam Prov.am pertinentium*. 1716, p. 91v; *Catalogus Patrum et Fratrum Provinciae Goanae*. 1719, p. 99f; *Index Alphabeticus ad Catalogum per dotes et qualitates sociorum pertinentium tantummodo ad Provinciam Goanam*. 1719, p. 106v; *Catalogus Sociorum Provinciae Goane per dotes, et qualitates*. *Confectus*. 1722, p. 129v; *Catalogus Patrum et Fratrum Societatis JESV Provinciae Goane*. 1722, p. 134f; *Catalogus sociorum Prov.ae Goane per loca et officia*. 1725, p. 143f; *Catalogus Patrum et Fratrum Provinciae Goanae*. 1728, p. 158f; *Catalogus Sociorum Provinciae Goanae*. 1733, p. 200f.

⁴⁸ COSTA, *op. cit.*, c. 1720, R. 3, F. 8.

do Ramo 3 do receituário, onde está localizado o excerto citado, estariam em desenvolvimento após essa data.

Considerando a constatação de que a produção do *Árvore da Vida* [...] se dera em momentos em que o jesuíta transitava pelo Estado da Índia – sendo escrito, portanto, em diversas partes do Oriente –, as informações fornecidas pelos catálogos do ARSI permitem afastar a data de finalização do receituário em, pelo menos, uma década com relação ao que consta nos registros da Wellcome Library. Neles, somos informados de que o *Árvore da Vida* [...], resultado de trinta e dois anos de empenho por parte do padre, teria sido concluído em cerca de 1720, o que nos leva a crer que os esforços iniciais para a produção do receituário teriam surgido por volta de 1690. Contudo, os documentos do ASRI sinalizam que da Costa só teria ingressado na Companhia de Jesus, em Portugal, nos anos de 1699 ou 1700. Ainda que não saibamos o ano de entrada de Affonso da Costa no Estado da Índia, as listas do ARSI nos mostram que ele já estaria lá estabelecido em 1713 – ano em encontramos seu nome, pela primeira vez, nos registros de inicianos em Goa. Podemos inferir, então, que sua chegada à Ásia acontecera entre os anos de 1700 e 1713 e, a partir disso, presumir que o *Árvore da Vida* [...] tenha sido finalizado, pelo menos, em algum momento da década de 1730, período em que, segundo acreditamos, ele completaria trinta anos em missão pelo Oriente.

Sobre João dos Reis, português autor do *Caderno de Várias Receitas* [...], as poucas informações de que dispomos foram por ele próprio fornecidas ao longo do manuscrito. Embora o tratado tenha sido confeccionado em 1696, o português dá indícios de que estaria há décadas empreendendo curas na capital do Estado da Índia, ao discorrer sobre as **câmaras** e pontuar que teria curado “[...] quarenta pessoas, pouco mais, ou menos, que escaparam da prolixa viagem da **naveta** ou **galeão** São Roque, que partiu em abril de quarenta e oito e chegou a esta cidade em maio de quarenta e nove [...]”⁴⁹ e, mais adiante, quando revela ter tratado, em abril de 1650, um inglês sofrendo com disenteria.⁵⁰ No mesmo tópico, Reis revela ter se deparado com determinados tipos de febres em outras localidades, não especificadas, mas que considerava menos graves do que aquelas que conhecera em Goa,⁵¹ e, tratando sobre a cura das **boubas**, registra uma cura que teria empreendido a um oficial do Brasil em Lisboa, na Rua da Amoreira,⁵² indícios de que teria exercido seus ofícios médicos também fora de Goa. Ao receitar uma mezinha produzida a partir do ópio e apontar as cautelas ao se empregar essa substância,

⁴⁹ REIS, João dos. *Caderno de Várias Receitas Mediciniais Orientais*, 1696, p. 7f.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 16v.

⁵¹ *Ibid.*, p. 7v.

⁵² *Ibid.*, p. 50v.

capaz de levar ao “[...] vício dos mais diabólicos que o demônio pudera inventar [...]”,⁵³ informa sobre um dourador de aparência abatida trabalhando em sua casa, o qual, segundo foi informado por um obreiro, teria vício no anfião,⁵⁴ passagem que pode indicar, para além das bases morais que respaldavam o pensamento de Reis pelo modo como condena o uso do fármaco, também parte da dinâmica de seu círculo pessoal, com os trabalhadores que tinha à disposição em sua casa. Ademais, apesar de manifestar não intentar publicar seu livro ou produzir mais volumes, o português parecia acreditar que seu trabalho chegaria à mão de leitores, escrevendo, sobre uma cura com salsa para o **mal francês**, que

[...] me atraiu muito escrevê-la aqui, para se aproveitarem dela as pessoas a cuja mão este único livro for dar, porque não escrevi outro, nem borrão dele; Este modo de cura é espanhol e moderno, o qual escrevi pelo serviço que tenho visto e para que todos tenham notícia, os que virem este manuscrito, e é exemplar de curiosidades.⁵⁵

Assim como no caso de João dos Reis, as informações à disposição acerca da trajetória de Luís Caetano de Meneses são bastante reduzidas, o único registro de autoria encontrado em sua obra sendo a indicação de que fora produzida “Por um natural de Goa”.⁵⁶ Por meio de apontamentos feitos pelo goês no início de sua obra, sabemos, também, de seu objetivo de produzir um terceiro tomo, do qual não temos notícias – e que, provavelmente, não chegou a ser finalizado.⁵⁷ A partir das menções a Luís Caetano contidas em um tratado de nome *Memorias e descriçoens das produçoens da natureza apresentadas à Real Academia das Sciencias de Lisboa*, escrito em 1786 por Francisco Luís de Menezes, somos informados de que ele teria morado na Ilha de Divar, em Goa, e que, no ano de produção das *Memorias [...]*, já teria falecido.⁵⁸ De acordo com referências ao *Medicina Oriental* contidas no mesmo tratado, o exemplar em posse de Francisco Luís não consiste naquele localizado na Academia das Ciências de Lisboa, a que hoje temos acesso.⁵⁹ Francisco Luís revela que Luís Caetano pretendia publicar seus manuscritos, mas, por razão de sua morte, a impressão teria ficado à incumbência de um familiar⁶⁰ e designada à Congregação do Oratório de Goa⁶¹, ordem

⁵³ *Ibid.*, p. 9v.

⁵⁴ Outro nome pelo qual era conhecido o ópio.

⁵⁵ REIS, *op. cit.*, 1696, p. 49v.

⁵⁶ Esse trecho está inserido nas capas dos Tomos I e II.

⁵⁷ BRACHT, Fabiano. *Ao Ritmo das Monções. Medicina, Farmácia, Filosofia Natural e Produção de Conhecimento na Índia Portuguesa do século XVIII*. CITCEM; Edições Afrontamento: Porto, 2019, p. 208.

⁵⁸ MENEZES, Francisco Luís. *Memorias e descriçoens das produçoens da natureza apresentadas à Real Academia das Sciencias de Lisboa*. Advertência, 1768, n. p.

⁵⁹ BRACHT, *op. cit.*, 2019, p. 217-218.

⁶⁰ MENEZES, *op. cit.*, 1786, Advertência, n. p.

⁶¹ A criação da Congregação, impulsionada pelas interdições colocadas aos nativos em integrar ordens religiosas europeias, foi essencial para a aproximação dos nativos com o cristianismo, as aproximações linguísticas, étnicas

concebida em 1682, composta majoritariamente por brâmanes goeses, com a qual Luís Caetano talvez possuísse algum vínculo.⁶² Finalmente, Francisco Luís sublinha a dedicação de Luís Caetano em obter informações médicas detidas pelos *panditos*, escrevendo que o goês teria consultado “[...] suas observações pelos médicos naturais do país de que fazia confiança e indagou dos herbalistas indianos que comumente fazem um mistério das composições e virtudes de muitas plantas e ervas, que entre eles tem uso e não revelam para os fazer patentes”.⁶³

Tendo apresentado os autores responsáveis pela produção dos documentos que empregarei no presente trabalho, é válido clarificar algumas escolhas de palavras que aparecerão ao longo de nosso texto. Em determinados momentos, utilizo o termo “hindu” em referência a nativos, mas, sobretudo, aos *vaidya*. Ressalto, no entanto, que a palavra “hindu” fora concebida em fins do século XVIII e começo do XIX com vistas à distinguir àqueles estabelecidos na região do Hindustão que não pertenciam ao islamismo, jainismo, cristianismo e siquismo.⁶⁴ A palavra “hinduísmo”, por sua vez, teria sido inicialmente usada em referência aos brâmanes como forma de lhes conferir alguma diferenciação, mas, posteriormente, passou a ser empregada por demais grupos da população indiana com fins de construção de uma identidade nacional, frente ao domínio britânico no subcontinente.⁶⁵ Nesse sentido, o “hinduísmo”, tendo seus primórdios, possivelmente, durante o período neolítico,⁶⁶ abarcava uma série de crenças não abrangidas pelas demais religiões coexistentes no território indiano. De acordo com o pesquisador Gavin Flood (2013), tal característica complexificaria a atribuição de uma definição a essa tradição, tendo em vista, além disso, que o hinduísmo também não possuiria uma série de aspectos comuns a outras religiões, destacando, como exemplo, o reconhecimento de um fundador, a existência de um credo unificado – as *Vedas* não seriam, portanto, universalmente aceitas, dentro do hinduísmo, como textos sagrados –, filosofias voltadas para a salvação da humanidade e autoridades e estruturas centralizadoras.⁶⁷ Deste modo, embora o “hinduísmo” como conhecido hoje trate-se de uma construção tardia,

e culturais entre seus membros e as populações em meio às quais pregavam contribuindo para seu acesso a esses grupos. Cf.: GOMIDE, Ana Paula Sena. Um catolicismo possível: a Congregação do Oratório de Goa e sua inserção no Ceilão holandês. *Faces da História*, Assis, v. 6, n. 2, pp. 28-51, 2019.

⁶² BRACHT, *op. cit.*, 2019, p. 211.

⁶³ MENEZES, *op. cit.*, 1786, Advertência, n. p.

⁶⁴ FLOOD, Gavin. *The Blackwell Companion to Hinduism*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003, p. 3.

⁶⁵ FLOOD, Gavin. *Uma Introdução ao Hinduísmo*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013, p. 26.

⁶⁶ JONES, Constance A.; RYAN, James D. Introduction. Hinduism. In.: JONES, Constance A.; RYAN, James D. *Encyclopedia of Hinduism*. Nova York: Facts On File, 2007, p. xvii.

⁶⁷ FLOOD, *op. cit.*, 2013, p. 26-27.

sobretudo com relação aos primeiros indícios de surgimento de seguimentos religiosos que se inserem em sua designação – a saber, o aparecimento da *Rg Veda* por volta de 1500 a.C.⁶⁸ –, tomamos a liberdade de, por vezes, indicar os *panditos* como curadores hindus, especialmente pela relação identificada entre sua prática médica e os textos védicos, em especial os hinos da *Atharvaveda* que, embora de caráter amplamente sobrenatural, voltam-se, em grande medida, à expulsão de malignidades que acometiam os homens.

Para além da noção de “hinduísmo”, dedico algum espaço para discorrer sobre a ideia de ciência a que aqui nos referimos. Sendo por muito tempo compreendida como a busca, a partir de métodos e regras rigorosos, de uma verdade relativa à determinado tópico,⁶⁹ utilizar-nos-emos, neste estudo, da concepção de “ciência” não como uma construção universal, mas como conhecimento possível de ser fabricado a partir de diversos meios e materiais e em distintos círculos – isto é, conhecimentos produzidos localmente –, a partir dos quais adquire suas particularidades.⁷⁰ Desses círculos onde é estruturado, o conhecimento científico evidencia seu caráter dinâmico por sua capacidade de transitar para novas esferas a partir de processos de negociações, não podendo, no entanto, ser impostos à força a outros grupos.⁷¹

Finalmente, é importante esclarecer que, para me referir aos curadores em atuação na Índia portuguesa daquele momento, para além dos termos habituais, utilizarei, também a denominação “físicos”, detentora de valor igual ao da palavra “médico”.⁷² Vale destacar, ainda, que com o uso do termo “curadores” pretendo englobar os médicos europeus, asiáticos e jesuítas que atuavam no trato com a saúde. No caso dos praticantes nativos, como apontado anteriormente, empregaremos, também, os termos *vaidyas* e *panditos*, ambas as designações vinculadas aos praticantes da *ayurveda*. O uso do termo *pandito*, mobilizado pelos europeus para se referir aos profissionais nativos, poderia também se referir a médicos asiáticos que, no entanto, não seguiam a tradição *ayurvédica*, isto é, aqueles que lançavam mão de práticas populares locais, mas que, ao mesmo tempo, mantinham alguma conexão com a prática hindu.⁷³ Essas práticas populares, amplamente propagadas pela Ásia em virtude dos processos de

⁶⁸ JONES; RYAN, *op. cit.*, 2007, p. xviii.

⁶⁹ LIVINGSTONE, David N. *Putting science in its place: geographies of scientific knowledge*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003, p. 1; RAJ, Kapil. *Relocating modern science: circulation and the construction of knowledge in South Asia and Europe, 1650-1900*. Hampshire; Nova York: Palgrave Macmillan, 2007, p. 8.

⁷⁰ LIVINGSTONE, *op. cit.*, 2003, p. 179.

⁷¹ RAJ, *op. cit.*, 2007, p. 9.

⁷² BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico ...* : autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D. João V. Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728. 8 volumes; 2 Suplementos, v. 6, p. 489.

⁷³ BRACHT, *op. cit.*, 2019, p. 97.

contato entre tradições, estariam entrelaçadas à *ayurveda* – bem como a outras correntes medicinais em vigor na Índia –, característica que dificulta o estabelecimento de fronteiras entre ambas.⁷⁴

Anthony Disney (2009) enfatiza que, apesar da proclamada identidade portuguesa sob o horizonte indiano de fortificações e construções religiosas, mesmo Goa seria habitada por um número reduzido de homens lusos, sua população constituía-se, majoritariamente, por hindus, cristãos indianos e escravos de origem africana e asiática.⁷⁵ Segundo o historiador, essa coexistência entre grupos de variadas origens teria culminado no surgimento de características culturais híbridas na capital do Estado da Índia, sinalizando, como exemplo, para diferenças nas construções europeias no Oriente português e na presença de elementos da cultura indiana em afrescos cristãos em Goa.⁷⁶ Ainda que não nos dediquemos, no presente trabalho, a discorrer sobre hibridismos⁷⁷ entre as tradições asiáticas e europeias, os dados fornecidos por Disney contribuem para nossa análise na medida em que sublinham a diversidade de povos em convívio no território de Goa e contribuem, portanto, para a visualização da variedade de culturas em contato. Considerando tais informações, objetivamos evidenciar o modo como os contatos estabelecidos entre distintas culturas e, conseqüentemente, as assimilações decorrentes destes, foram registrados por receituários médico-farmacêuticos produzidos na capital do Estado da Índia durante o Setecentos, a partir da perspectiva de seus autores, também pertencentes a grupos diversos – isto é, dois portugueses e um goês.

Para tanto, este estudo foi estruturado em três partes: analisaremos, inicialmente, as tradições médicas europeias e a natureza dita como proveniente da África, América e Europa transportadas para o Estado da Índia com o estabelecimento dos portugueses no território. Em seguida, nos debruçaremos sobre as práticas e preceitos da *ayurveda*, bem como nas informações relativas a flora e fauna asiáticas, com as quais os recém-chegados lusos se depararam e adequaram aos seus próprios conhecimentos. Por fim, trataremos das características responsáveis por viabilizar o desencadeamento das trocas culturais na esfera médico-farmacêutica na capital do Estado da Índia – trocas culturais estas que buscamos

⁷⁴ *Ibid.*, p. 95-96.

⁷⁵ DISNEY, *op. cit.*, 2009, p. 148-149.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 149.

⁷⁷ Em linhas bastante gerais, “hibridismo” pode ser compreendido como um processo – ao invés de um resultado já alcançado – enredado pelo envolvimento mútuo entre distintas culturas e que, através de compartilhamentos e apropriações entre suas tradições e particularidades, culminaria na construção de novas características, comuns aos grupos envolvidos. Cf.: BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2010.

sinalizar ao longo de todo o trabalho –, bem como das disputas entre praticantes indianos e portugueses atuando nesse meio.

Na primeira parte, desdobraremos inicialmente acerca do aparato teórico em que os curadores portugueses, recém-chegados à Ásia, se respaldavam para a prática de seu ofício. Assim, perpassaremos pela teoria humoral hipocrático-galênica, base da tradição médica portuguesa de então, que pressupunha que a condição de saúde estaria relacionada a distribuição equilibrada dos quatro humores constituintes do corpo – a saber, o sangue, a fleuma, a bile negra e a bile amarela; abordaremos a química de Paracelso, que, propondo a constituição do corpo a partir dos elementos sal, mercúrio e enxofre, pressupunha que a saúde poderia ser recuperada a partir do uso de princípios ativos contidos nos elementos; discorreremos sobre as influências do cristianismo na atribuição de interpretações morais às concepções de saúde e doença e no emprego de terapêuticas de natureza sobrenatural e astrológica para a cura de enfermidades. Tendo tratado das tradições que davam suporte às curas operadas pelos portugueses, nos dedicaremos, em seguida, às plantas, animais e minerais que chegavam à Índia, segundo registrado pelo nosso *corpus* documental, da África, América e Europa e eram utilizados na fabricação das mezinhas administradas nos enfermos de Goa, suas propriedades e as teorias envoltas em seu cultivo e manuseio.

Na segunda, por sua vez, depositaremos nosso enfoque sobre a *ayurveda*, prática médica alicerçada em princípios hindus, sobretudo nos hinos védicos da *Atharvaveda* e nos Compêndios de *Caraka* e *Suśruta*, dois dos mais importantes registros sobre a tradição medicinal indiana. Pontuando as origens religiosas atribuídas a essa tradição, passaremos para suas noções de cunho científico, elucidando seu entendimento acerca do funcionamento e constituição dos corpos, compostos pelas *doṣas* que, assim como os humores galênicos, deveriam estar em equilíbrio para que fosse conservada a saúde. Pontuaremos algumas determinações prescritas pelos autores dos Compêndios com relação às condutas dos médicos e suas restrições; a crença em influências sobrenaturais como provocadoras de enfermidades; dissertaremos brevemente sobre a medicina *Unani*, também comum no território asiático, e, em grande medida, assentada sobre a tradição hipocrático-galênica. Chegando na presença portuguesa na Índia, abordaremos a atuação dos jesuítas no cenário médico-farmacêutico goês, onde teriam aprendido terapêuticas indianas e as assimilado às suas próprias tradições e, finalmente, trataremos da natureza Oriental, exótica aos europeus, mas tão importante para as curas dos males que os acometiam na Ásia, enfatizando, ainda, algumas práticas asiáticas por estes aprendidas para o trato das enfermidades.

Finalmente, na terceira parte, desdobraremos sobre os processos de contatos e disputas entre as tradições galênica e *ayurvédica*, desenrolados a partir dos contatos entre portugueses e indianos atuando no interior dos espaços de cura do Estado da Índia, pensando, além disso, nos locais, agentes e condições viabilizadores dos trânsitos de saberes e elementos e nas demandas necessárias para que as acomodações destes fossem desenvolvidas com sucesso.

É, portanto, sob o proscênio de uma Goa fragilizada, cujo foco de atenção havia sido desviado, por Portugal, ao Brasil, sua colônia mais promissora,⁷⁸ que depositaremos nosso enfoque. Consideramos que o cenário de ameaças políticas e econômicas teria contribuído para a configuração da esfera médico-farmacêutico goesa Setecentista, que, não mais atrativa aos físicos portugueses, testemunhou a intensificação do número de religiosos e *panditos* atuando no trato dos enfermos nos espaços de cura do Oriente português, onde, também, os contatos entre as culturas europeia e asiática culminariam na assimilação dos conhecimentos de uma pela outra. A partir do uso dos manuscritos *Caderno de Várias receitas [...]*, *Árvore da Vida [...]* e dos dois tomos do *Medicina Oriental*, produzidos em fins do século XVII e durante o XVIII e vinculados à esfera médico-farmacêutica goesa daquele momento, trataremos dos trânsitos de saberes naturais, medicinais e científicos em desenvolvimento entre físicos portugueses e indianos empreendendo as artes curativas na Goa Setecentista, mas, também, ao longo dos demais territórios ligados pelas as redes de contato que conectavam as distintas culturas sob administração da Coroa lusa. A partir dessas considerações e valendo-nos desse conjunto documental, interrogamos, nas linhas que se seguem, sobre quais práticas e conhecimentos foram manejados e (des)critos nos espaços de trato dos corpos na Goa setecentista.

⁷⁸ BOXER, *op. cit.*, 2015, p. 16, 20-21.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

DOIS MUNDOS EM QUATRO MANUSCRITOS

Retomamos, aqui, nosso questionamento norteador, a saber: quais práticas e conhecimentos foram manejados e (des)escritos nos espaços de trato dos corpos na Goa setecentista? A partir da análise empreendida ao longo deste estudo, tomando como base o manual *Caderno de várias receitas [...]*, a obra *Árvore da Vida [...]* e os dois tomos do receituário *Medicina Oriental*, percebemos que os saberes médicos e farmacêuticos sendo aprendidos, compilados e experimentados pelos autores destes manuscritos exprimiriam os processos de trocas e assimilações em que estavam envolvidos, processos estes desencadeados entre as distintas culturas em contato na capital do Estado da Índia no século XVIII, momento em que já era intensa a presença de jesuítas e *panditos* nos hospitais de Goa.

A distribuição de poder entre indianos e portugueses era desigual no Estado da Índia, esses últimos logrando da autoridade de imposição de sua forma de pensar, compreender, organizar e agir sobre os territórios em seu domínio – competência que pode ser exemplificada pela tentativa de padronização da prática médica de acordo com as teorias europeias em detrimento das tradições nativas, por sua vez, desaprovadas. Ainda assim, a documentação manejada deixa entrever que os grupos asiáticos sob administração da Coroa lusa, dotados de seus próprios saberes e práticas científicas, contribuíram ativamente para o trânsito de conhecimentos que lá se desenvolvia e que se interligava aos demais espaços do globo, por meio das redes de contato estabelecidas pelo Império, mas, também, pela Companhia de Jesus, cujos membros desempenharam papel de destaque na aquisição de informações, até então, estranhas aos europeus. Compreendendo, portanto, a existência de reciprocidade nas trocas culturais, em que as diversas culturas envolvidas se beneficiavam de aspectos do saber tradicional das outras, pudemos observar os aspectos das práticas e conhecimentos médicos, farmacêuticos e naturais de uma tradição que melhor foram assimilados pelas outras e, deste modo, acomodados em meio aos saberes que já lhe eram próprios.

Foi através do estabelecimento das redes de contato, interligando os quatro continentes conhecidos, que Portugal contribuiu para o desenrolar de encontros de fronteiras entre os territórios sob sua administração, possibilitando, deste modo, as comunicações e trocas entre

culturas distintas.¹ Esses processos de contatos desencadeavam-se nos espaços de fronteira do Império e, sendo empreendidos por meio de negociações ou conflitos, culminavam na intersecção de práticas e saberes, permitindo, além disso, o transporte de bens entre os espaços sob sua administração. Assim, da mesma forma que itens naturais asiáticos eram transportados para Europa, África e América, observamos, como exposto no capítulo I, indícios do uso de elementos destes três lugares para a fabricação de mezinhas na Ásia. Para que tivesse êxito, a difusão dessa natureza implicava que junto dela fossem transferidos os saberes que lhes eram relacionados, tais como as condições para sua manutenção ou cultivo, a forma como deveriam ser manuseados e seus possíveis usos, tudo isso tendo em vista o objetivo de que a planta ou animal em transporte se acomodasse ao novo habitat, conservasse suas qualidades e se mantivesse útil àqueles que os manejavam.

Do mesmo modo, saberes médicos e farmacêuticos em circulação, para que fossem convenientemente aproveitados por culturas diferentes da sua de origem, deveriam fazer algum sentido nesses novos meios. Ainda que o uso da *ayurveda* tenha sido desencorajado na Índia portuguesa, vimos no *Caderno de Várias Receitas [...]* e no *Árvore da Vida [...]* descrições de procedimentos que Reis e da Costa declaram ser asiáticos ou ter aprendido com os *panditos*, os quais aparecem, nesses receituários, pensados de acordo com as terminologias humorais compreendidas na teoria hipocrático-galênica. Esse sistema contribuiu, portanto, para a visualização do modo como saberes locais indianos poderiam ser apreendidos e adaptados pela tradição europeia, de forma que melhor se adequassem aos conhecimentos científicos que já detinha. Igualmente, os dois receituários também qualificam a natureza oriental a partir dos preceitos humorais, mostrando, mais uma vez, que, embora possivelmente tenham aprendido as propriedades destes elementos a partir do convívio com os indianos, estas foram ajustadas às suas próprias tradições. No *Medicina Oriental*, os contatos culturais entre Índia e Portugal ficam evidentes ao se observar, inicialmente, que seu autor, um goês, pauta-se principalmente nas tradições medicinais europeias para respaldar sua obra. Também, ao abranger espécies e saberes americanos, africanos e europeus, Reis, Meneses e da Costa demonstram o potencial do trânsito intercontinental de itens e das informações a eles relacionadas e que, ao que tudo indica, teriam sido aproveitadas para a confecção de fármacos na Ásia.

As informações contidas nesse *corpus* documental, analisadas à luz da historiografia referida ao longo da pesquisa, indicam, portanto, as contribuições científicas e naturais

¹ DISNEY, Anthony R *Portuguese Expansion, 1400-1800: Encounters, Negotiations, and Interactions*. In.: BETHENCOURT, Francisco; CURTO, Diogo Ramada. *Portuguese oceanic expansion, 1400-1800*. Nova York: Cambridge University Press, 2007, p. 290, 294.

prestadas pelos asiáticos aos europeus que integravam esses espaços de trocas culturais, bem como para as assimilações, em território indiano, de conhecimentos adquiridos a partir dos contatos com a natureza cultivada em outras partes do Império e que, tendo sido assimiladas, tornaram-se úteis à esfera do trato dos corpos goesa. Da mesma forma, sinalizam para a apreensão, por parte dos curadores indianos, de aspectos da tradição médica em voga em Portugal e de sua aplicação mesmo às terapêuticas e fármacos ditos como asiáticos, indicando, portanto, que ambos os grupos teriam sido favorecidos por esse sistema de circulação.

Ainda, pudemos observar que, assim como o Estado da Índia, no século XVIII, passava por turbulências em seu cenário político, consequência de ameaças europeias e asiáticas a seu poderio na região, também nos locais de cuidados com a saúde esteve instalada, entre *panditos* e físicos europeus, uma conjuntura de disputas por espaço e, como Reis deixou claro, reconhecimento por parte daqueles que buscavam assistência medicinal. Considerando, além disso, as indisposições observadas entre cristãos europeus e aqueles que, mais tarde, seriam chamados de “hindus”, durante a maior parte do período de administração portuguesa em Goa, pudemos constatar o modo como o cenário médico-farmacêutico goês espelhava os quadros políticos e sociais estabelecidos sobre o Estado da Índia.

Finalmente, observamos que as assimilações entre as tradições europeia e asiática, com destaque ao galenismo e à *ayurveda*, teriam levado a estruturação de pensamentos científicos que, combinando ambas as tradições, podem ter culminado no surgimento de novas práticas médico-farmacêuticas no interior de boticas e hospitais asiáticos naquele período, apoiadas, sobretudo, por curadores interessados nos saberes curativos, mas que não eram educados nessas matérias.² A construção de novos saberes, resultante das confluências entre tradições portuguesa e indiana, teria sido possibilitada, para além das interações entre ambas as correntes, também pelas disputas entre os grupos que as praticavam, mas que, ao mesmo tempo, se comunicavam, nos espaços de cura da Goa do século XVIII. Nesse sentido, considerando a proposição de Kapil Raj, de que os processos de intercâmbios culturais em meio a distintos grupos, conduzidos por negociações que resultavam em trocas mútuas, levariam a reestruturação ou, senão, ao surgimento de novas formas de conhecimento,³ podemos inferir a possibilidade de que a associação entre *ayurveda* e galenismo teria proporcionado a organização de uma nova tradição medicinal, empregada pelos curadores de ambos os grupos na capital do Estado da Índia. A

² BRACHT, Fabiano. *Ao Ritmo das Monções. Medicina, Farmácia, Filosofia Natural e Produção de Conhecimento na Índia Portuguesa do século XVIII*. CITCEM; Edições Afrontamento: Porto, 2019, p. 87-88.

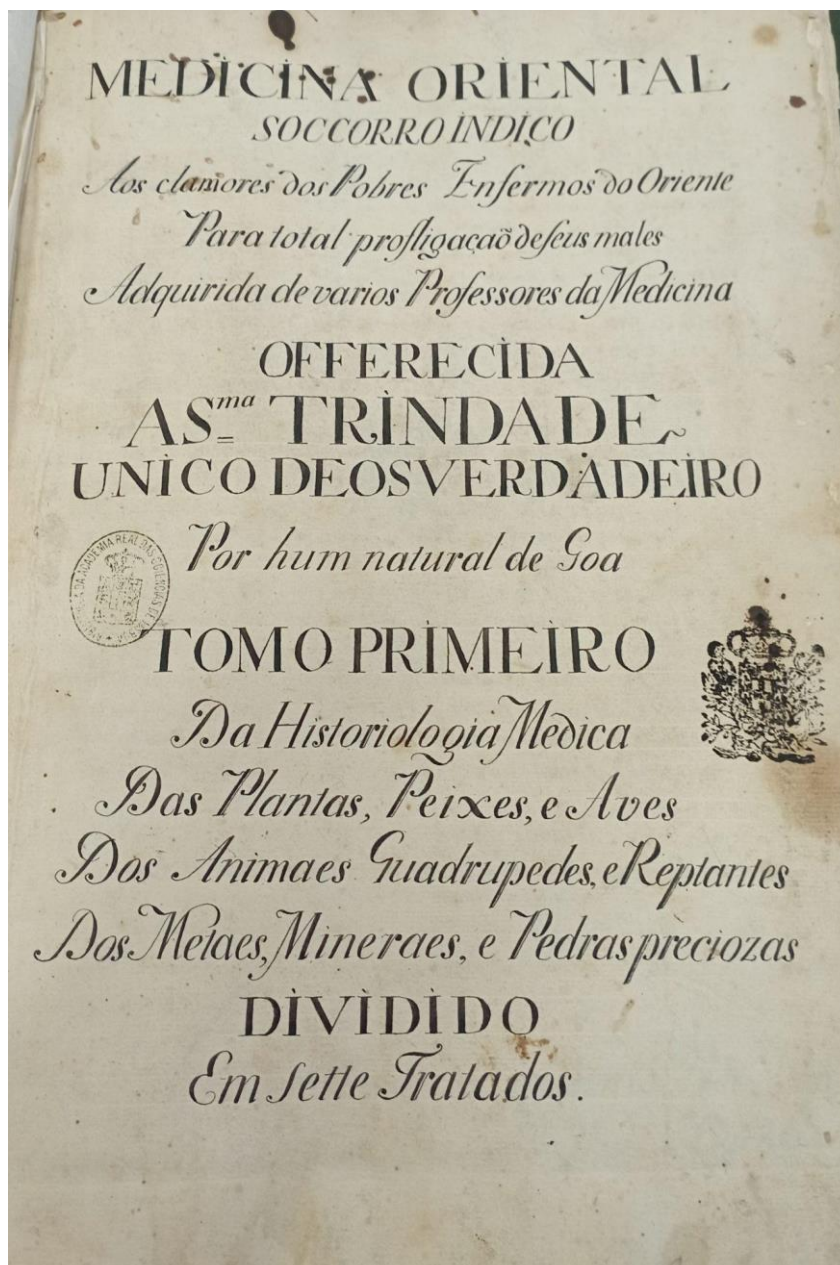
³ RAJ, Kapil. *Relocating modern science: circulation and the construction of knowledge in South Asia and Europe, 1650-1900*. Hampshire; Nova York: Palgrave Macmillan, 2007, p. 223.

possibilidade de existência de um saber científico híbrido, constituído, sobretudo, a partir dos contatos entre galenismo e *ayurveda*, é tema que salta aos olhos ao folhear os manuscritos que nos acompanharam ao longo da pesquisa, e que não pôde ser considerada com detalhe e vagar necessários nesta empreita. Mostra-se no entanto, uma ideia valorosa, e que merece ser futuramente desdobrada.

ANEXOS

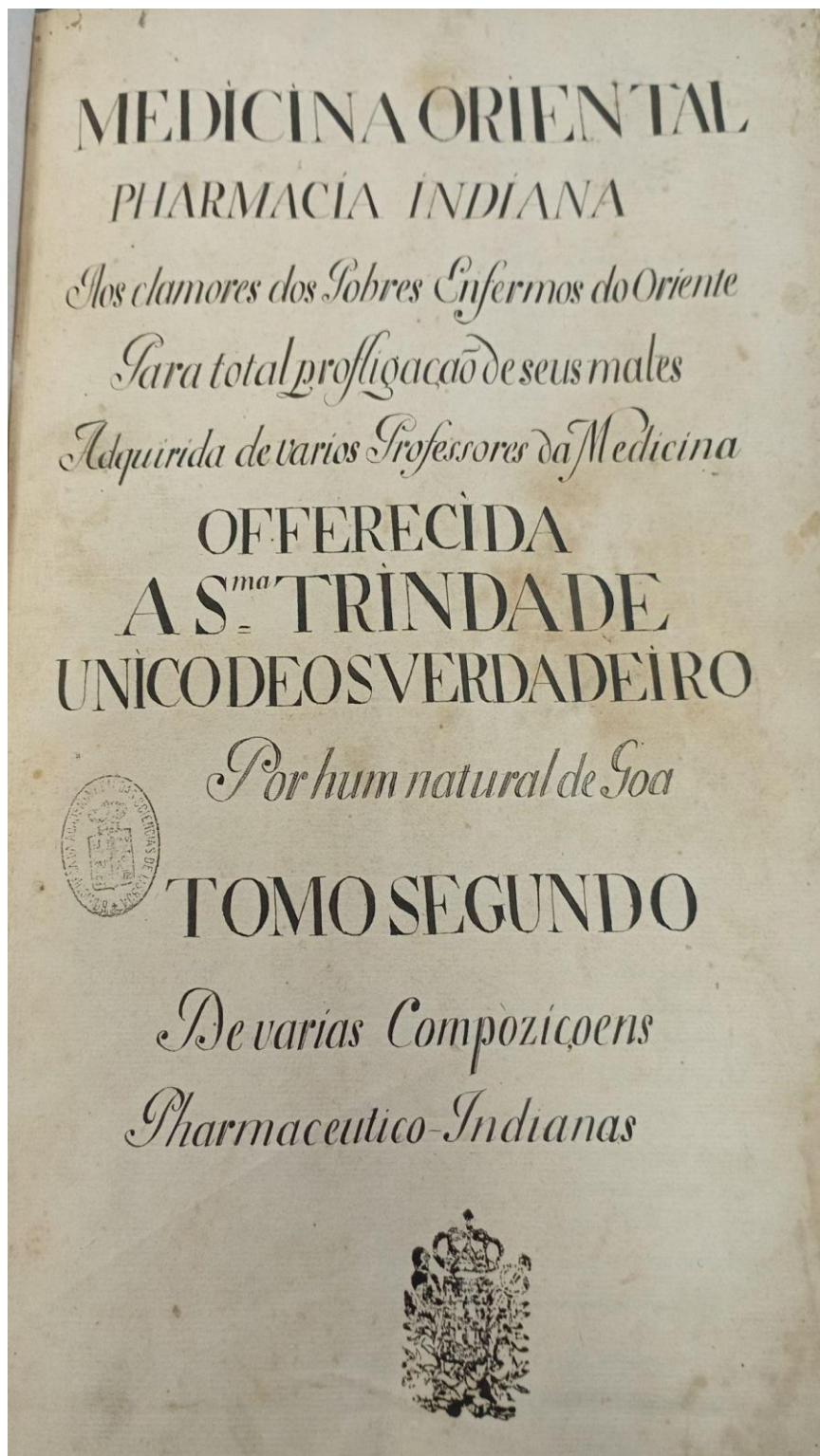
1. IMAGENS

Figura 1- Página de título do Tomo I do manuscrito *Medicina Oriental*.



Fonte: MENESES, Luís Caetano. *Medicina Oriental. Soccorro Indico aos clamores dos Pobres Enfermos do Oriente para total profligação de seus males* Tomo I, c. 1735-1786. Disponível na Academia das Ciências de Lisboa - imagens nossas.

Figura 2 - Página de título do Tomo II do manuscrito *Medicina Oriental*.



Fonte: MENESES, Luís Caetano. *Medicina Oriental*. Pharmacia indiana, Tomo II, c. 1735-1786. Disponível na Academia das Ciências de Lisboa - imagens nossas.

Figura 3 - Página inicial do *Caderno de Várias Receitas Medicinais Orientais*.



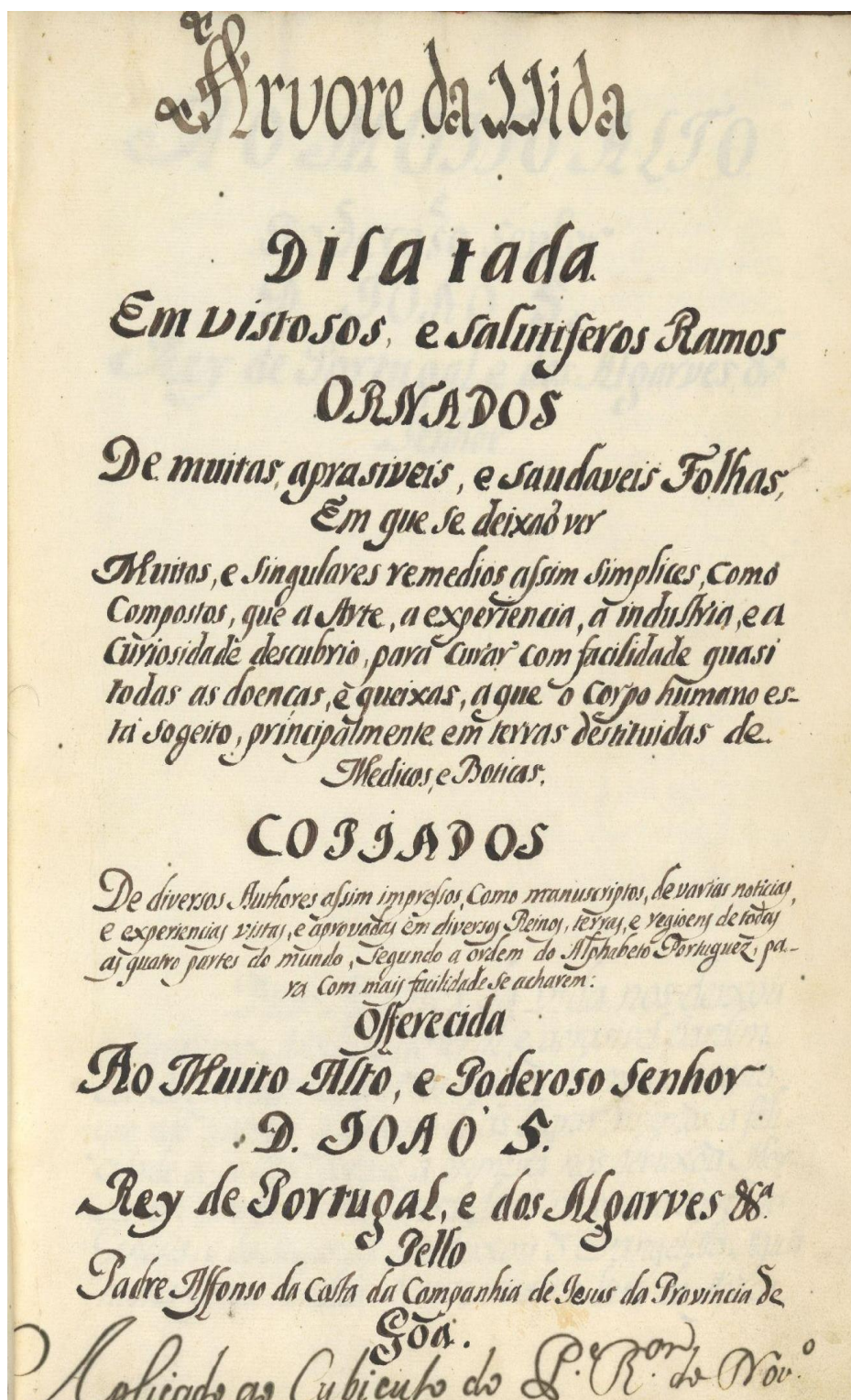
Fonte: REIS, João dos. *Caderno de Várias Receitas Medicinais Orientais*. 1696, n.p. Disponível no catálogo digital da Biblioteca Nacional de Portugal - cópia pública.

Figura 4 - Frontispício do receituário *Árvore da Vida* [...].



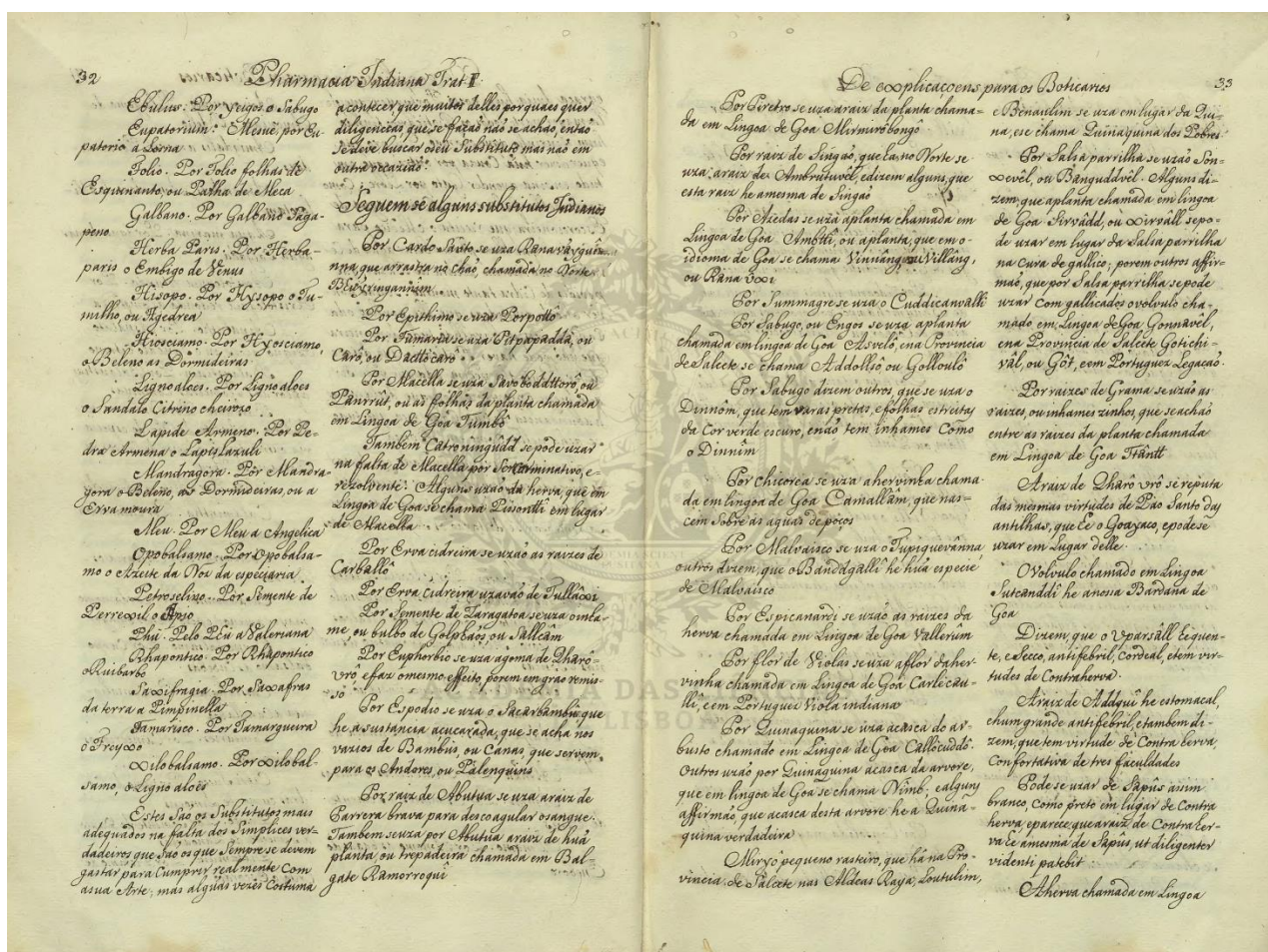
Fonte: COSTA, Afonso da. *Árvore da Vida dilatada em vistosos e salutíferos ramos ornados de muitas apasiveis, e saudiveis folhas* [...]. Goa, c. 1720. Disponível no catálogo virtual da Wellcome Library - domínio público.

Figura 5 - Página de título do receituário *Árvore da Vida* [...].



Fonte: COSTA, Affonso da. *Árvore da Vida dilatada em vistosos e salutíferos ramos ornados de muitas aprasiveis, e saudaveis folhas* [...]. Goa, c. 1720. Disponível no catálogo virtual da Wellcome Library - domínio público.

Figura 6 - Listagem feita por Luís Caetano de Meneses com ingredientes medicinais e suas possíveis substituições.



Fonte: MENESSES, Luís Caetano. *Medicina Oriental. Pharmacia indiana*, Tomo II, c. 1735-1786, p. 32-33.
Imagem proveniente da Academia das Ciências de Lisboa.

Figura 7 - Parte da sistematização de espécies vegetais feita por Meneses, de acordo com a época em que seriam mais proveitosas.

288 <i>Pharmacia Indiana. Trat. X.</i> <i>Flores Orientais do Outono</i> <i>Novembro, Dezembro, Janeiro, e Fevereiro</i> <i>quentes e secas</i> <i>Flor de Hernandoe</i> 1^o 2^o 3^o 4^o 5^o 6^o 7^o 8^o 9^o 10^o 11^o 12^o 13^o 14^o 15^o 16^o 17^o 18^o 19^o 20^o 21^o 22^o 23^o 24^o 25^o 26^o 27^o 28^o 29^o 30^o 31^o 32^o 33^o 34^o 35^o 36^o 37^o 38^o 39^o 40^o 41^o 42^o 43^o 44^o 45^o 46^o 47^o 48^o 49^o 50^o 51^o 52^o 53^o 54^o 55^o 56^o 57^o 58^o 59^o 60^o 61^o 62^o 63^o 64^o 65^o 66^o 67^o 68^o 69^o 70^o 71^o 72^o 73^o 74^o 75^o 76^o 77^o 78^o 79^o 80^o 81^o 82^o 83^o 84^o 85^o 86^o 87^o 88^o 89^o 90^o 91^o 92^o 93^o 94^o 95^o 96^o 97^o 98^o 99^o 100^o 101^o 102^o 103^o 104^o 105^o 106^o 107^o 108^o 109^o 110^o 111^o 112^o 113^o 114^o 115^o 116^o 117^o 118^o 119^o 120^o 121^o 122^o 123^o 124^o 125^o 126^o 127^o 128^o 129^o 130^o 131^o 132^o 133^o 134^o 135^o 136^o 137^o 138^o 139^o 140^o 141^o 142^o 143^o 144^o 145^o 146^o 147^o 148^o 149^o 150^o 151^o 152^o 153^o 154^o 155^o 156^o 157^o 158^o 159^o 160^o 161^o 162^o 163^o 164^o 165^o 166^o 167^o 168^o 169^o 170^o 171^o 172^o 173^o 174^o 175^o 176^o 177^o 178^o 179^o 180^o 181^o 182^o 183^o 184^o 185^o 186^o 187^o 188^o 189^o 190^o 191^o 192^o 193^o 194^o 195^o 196^o 197^o 198^o 199^o 200^o 201^o 202^o 203^o 204^o 205^o 206^o 207^o 208^o 209^o 210^o 211^o 212^o 213^o 214^o 215^o 216^o 217^o 218^o 219^o 220^o 221^o 222^o 223^o 224^o 225^o 226^o 227^o 228^o 229^o 230^o 231^o 232^o 233^o 234^o 235^o 236^o 237^o 238^o 239^o 240^o 241^o 242^o 243^o 244^o 245^o 246^o 247^o 248^o 249^o 250^o 251^o 252^o 253^o 254^o 255^o 256^o 257^o 258^o 259^o 260^o 261^o 262^o 263^o 264^o 265^o 266^o 267^o 268^o 269^o 270^o 271^o 272^o 273^o 274^o 275^o 276^o 277^o 278^o 279^o 280^o 281^o 282^o 283^o 284^o 285^o 286^o 287^o 288^o 289^o 290^o 291^o 292^o 293^o 294^o 295^o 296^o 297^o 298^o 299^o 300^o 301^o 302^o 303^o 304^o 305^o 306^o 307^o 308^o 309^o 310^o 311^o 312^o 313^o 314^o 315^o 316^o 317^o 318^o 319^o 320^o 321^o 322^o 323^o 324^o 325^o 326^o 327^o 328^o 329^o 330^o 331^o 332^o 333^o 334^o 335^o 336^o 337^o 338^o 339^o 340^o 341^o 342^o 343^o 344^o 345^o 346^o 347^o 348^o 349^o 350^o 351^o 352^o 353^o 354^o 355^o 356^o 357^o 358^o 359^o 360^o 361^o 362^o 363^o 364^o 365^o 366^o 367^o 368^o 369^o 370^o 371^o 372^o 373^o 374^o 375^o 376^o 377^o 378^o 379^o 380^o 381^o 382^o 383^o 384^o 385^o 386^o 387^o 388^o 389^o 390^o 391^o 392^o 393^o 394^o 395^o 396^o 397^o 398^o 399^o 400^o 401^o 402^o 403^o 404^o 405^o 406^o 407^o 408^o 409^o 410^o 411^o 412^o 413^o 414^o 415^o 416^o 417^o 418^o 419^o 420^o 421^o 422^o 423^o 424^o 425^o 426^o 427^o 428^o 429^o 430^o 431^o 432^o 433^o 434^o 435^o 436^o 437^o 438^o 439^o 440^o 441^o 442^o 443^o 444^o 445^o 446^o 447^o 448^o 449^o 450^o 451^o 452^o 453^o 454^o 455^o 456^o 457^o 458^o 459^o 460^o 461^o 462^o 463^o 464^o 465^o 466^o 467^o 468^o 469^o 470^o 471^o 472^o 473^o 474^o 475^o 476^o 477^o 478^o 479^o 480^o 481^o 482^o 483^o 484^o 485^o 486^o 487^o 488^o 489^o 490^o 491^o 492^o 493^o 494^o 495^o 496^o 497^o 498^o 499^o 500^o 501^o 502^o 503^o 504^o 505^o 506^o 507^o 508^o 509^o 510^o 511^o 512^o 513^o 514^o 515^o 516^o 517^o 518^o 519^o 520^o 521^o 522^o 523^o 524^o 525^o 526^o 527^o 528^o 529^o 530^o 531^o 532^o 533^o 534^o 535^o 536^o 537^o 538^o 539^o 540^o 541^o 542^o 543^o 544^o 545^o 546^o 547^o 548^o 549^o 550^o 551^o 552^o 553^o 554^o 555^o 556^o 557^o 558^o 559^o 560^o 561^o 562^o 563^o 564^o 565^o 566^o 567^o 568^o 569^o 570^o 571^o 572^o 573^o 574^o 575^o 576^o 577^o 578^o 579^o 580^o 581^o 582^o 583^o 584^o 585^o 586^o 587^o 588^o 589^o 590^o 591^o 592^o 593^o 594^o 595^o 596^o 597^o 598^o 599^o 600^o 601^o 602^o 603^o 604^o 605^o 606^o 607^o 608^o 609^o 610^o 611^o 612^o 613^o 614^o 615^o 616^o 617^o 618^o 619^o 620^o 621^o 622^o 623^o 624^o 625^o 626^o 627^o 628^o 629^o 630^o 631^o 632^o 633^o 634^o 635^o 636^o 637^o 638^o 639^o 640^o 641^o 642^o 643^o 644^o 645^o 646^o 647^o 648^o 649^o 650^o 651^o 652^o 653^o 654^o 655^o 656^o 657^o 658^o 659^o 660^o 661^o 662^o 663^o 664^o 665^o 666^o 667^o 668^o 669^o 670^o 671^o 672^o 673^o 674^o 675^o 676^o 677^o 678^o 679^o 680^o 681^o 682^o 683^o 684^o 685^o 686^o 687^o 688^o 689^o 690^o 691^o 692^o 693^o 694^o 695^o 696^o 697^o 698^o 699^o 700^o 701^o 702^o 703^o 704^o 705^o 706^o 707^o 708^o 709^o 710^o 711^o 712^o 713^o 714^o 715^o 716^o 717^o 718^o 719^o 720^o 721^o 722^o 723^o 724^o 725^o 726^o 727^o 728^o 729^o 730^o 731^o 732^o 733^o 734^o 735^o 736^o 737^o 738^o 739^o 740^o 741^o 742^o 743^o 744^o 745^o 746^o 747^o 748^o 749^o 750^o 751^o 752^o 753^o 754^o 755^o 756^o 757^o 758^o 759^o 760^o 761^o 762^o 763^o 764^o 765^o 766^o 767^o 768^o 769^o 770^o 771^o 772^o 773^o 774^o 775^o 776^o 777^o 778^o 779^o 780^o 781^o 782^o 783^o 784^o 785^o 786^o 787^o 788^o 789^o 790^o 791^o 792^o 793^o 794^o 795^o 796^o 797^o 798^o 799^o 800^o 801^o 802^o 803^o 804^o 805^o 806^o 807^o 808^o 809^o 810^o 811^o 812^o 813^o 814^o 815^o 816^o 817^o 818^o 819^o 820^o 821^o 822^o 823^o 824^o 825^o 826^o 827^o 828^o 829^o 830^o 831^o 832^o 833^o 834^o 835^o 836^o 837^o 838^o 839^o 840^o 841^o 842^o 843^o 844^o 845^o 846^o 847^o 848^o 849^o 850^o 851^o 852^o 853^o 854^o 855^o 856^o 857^o 858^o 859^o 860^o 861^o 862^o 863^o 864^o 865^o 866^o 867^o 868^o 869^o 870^o 871^o 872^o 873^o 874^o 875^o 876^o 877^o 878^o 879^o 880^o 881^o 882^o 883^o 884^o 885^o 886^o 887^o 888^o 889^o 890^o 891^o 892^o 893^o 894^o 895^o 896^o 897^o 898^o 899^o 900^o 901^o 902^o 903^o 904^o 905^o 906^o 907^o 908^o 909^o 910^o 911^o 912^o 913^o 914^o 915^o 916^o 917^o 918^o 919^o 920^o 921^o 922^o 923^o 924^o 925^o 926^o 927^o 928^o 929^o 930^o 931^o 932^o 933^o 934^o 935^o 936^o 937^o 938^o 939^o 940^o 941^o 942^o 943^o 944^o 945^o 946^o 947^o 948^o 949^o 950^o 951^o 952^o 953^o 954^o 955^o 956^o 957^o 958^o 959^o 960^o 961^o 962^o 963^o 964^o 965^o 966^o 967^o 968^o 969^o 970^o 971^o 972^o 973^o 974^o 975^o 976^o 977^o 978^o 979^o 980^o 981^o 982^o 983^o 984^o 985^o 986^o 987^o 988^o 989^o 990^o 991^o 992^o 993^o 994^o 995^o 996^o 997^o 998^o 999^o 1000^o	289 <i>Das flores frutuos e Legumes Orientais</i> <i>Flores Orientais do Outono</i> <i>Novembro, Dezembro, Janeiro, e Fevereiro</i> <i>quentes e secas</i> <i>Flor de Tiro</i> 1^o 2^o 3^o 4^o 5^o 6^o 7^o 8^o 9^o 10^o 11^o 12^o 13^o 14^o 15^o 16^o 17^o 18^o 19^o 20^o 21^o 22^o 23^o 24^o 25^o 26^o 27^o 28^o 29^o 30^o 31^o 32^o 33^o 34^o 35^o 36^o 37^o 38^o 39^o 40^o 41^o 42^o 43^o 44^o 45^o 46^o 47^o 48^o 49^o 50^o 51^o 52^o 53^o 54^o 55^o 56^o 57^o 58^o 59^o 60^o 61^o 62^o 63^o 64^o 65^o 66^o 67^o 68^o 69^o 70^o 71^o 72^o 73^o 74^o 75^o 76^o 77^o 78^o 79^o 80^o 81^o 82^o 83^o 84^o 85^o 86^o 87^o 88^o 89^o 90^o 91^o 92^o 93^o 94^o 95^o 96^o 97^o 98^o 99^o 100^o 101^o 102^o 103^o 104^o 105^o 106^o 107^o 108^o 109^o 110^o 111^o 112^o
---	--

Figura 8 - Recorte de mapa da África Oriental, mostrando os territórios de Melinde, Mombaça e Moçambique e o Reino de Abutua.



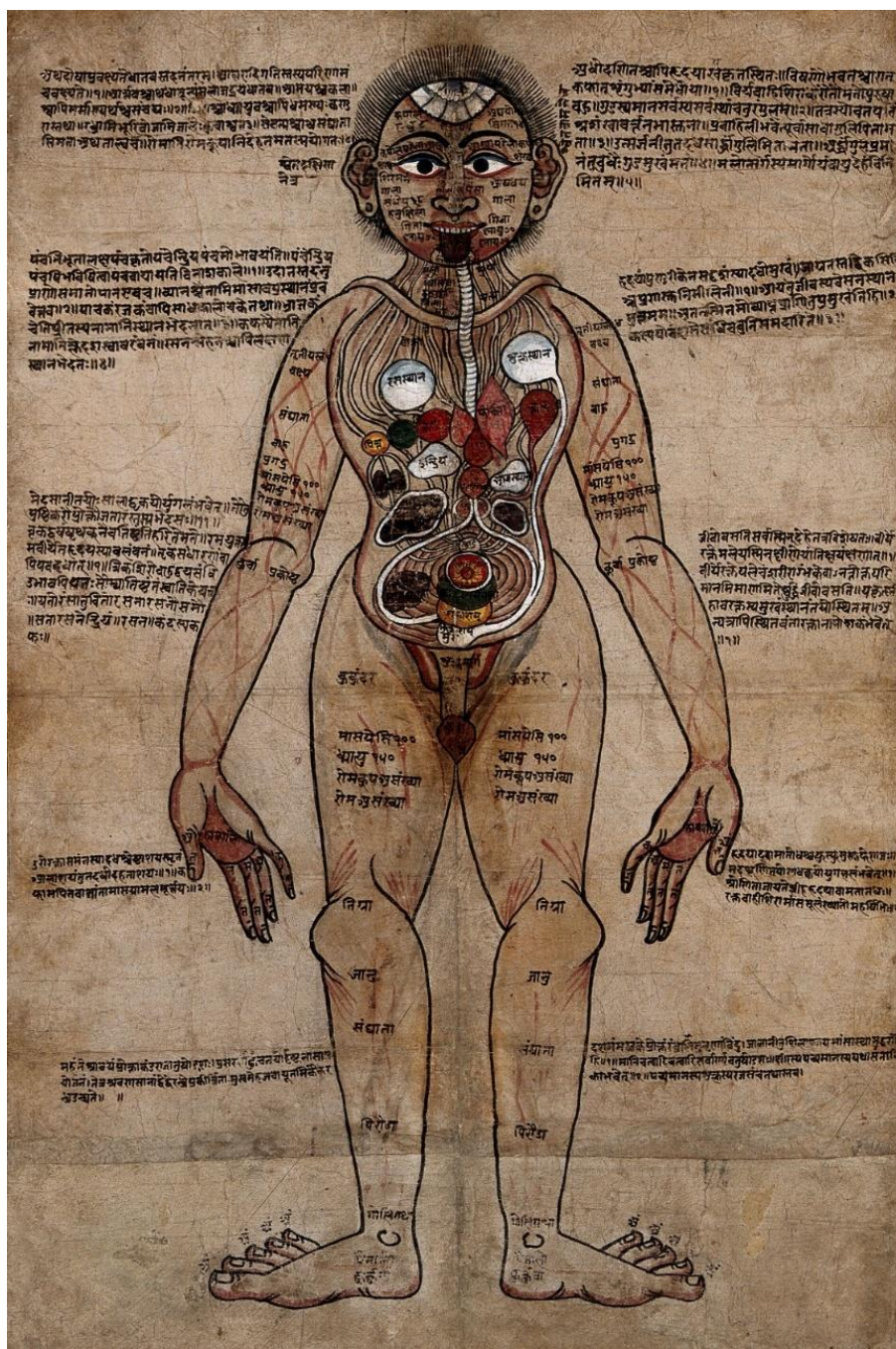
Fonte: ANVILLE, Jean-Baptiste d'. Carte de l'Ethiopie orientale située sur la mer des Indes entre le cap Guardafouin & le cap de Bonne-Espérance. [Paris: s.n.], 1727. Disponível no catálogo digital da Biblioteca Nacional de Portugal. Domínio público.

Figura 9 - Mapa mostrando os territórios do Brasil e Peru.



Fonte: L'ISLE, Guillaume de. Carte de La Terre Ferme du Perou, du Bresil et du pays des Amazones: dressé sur les descriptions de Herrera, de Laet, et des PP. d'Acuña, et M. Rodriguéz et sur plusieurs relations et observations posterieures. Paris [França]: Chez L'Auteur sur le Quai de l'Horloge a l'Aigle d'or avec Privilege du Roy pour 20 ans, 1703 (i.e 1718). Biblioteca Nacional da França, departamento de mapas e plantas, GE C-11310. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b530530983>, acesso em 21 de maio de 2025.

Figura 10 - Figura anatômica humana. Desenho nepalês, c. 1800.



Fonte: A human anatomical figure. Drawing, Nepalese, ca. 1800. Wellcome Collection. Disponível em: <https://wellcomecollection.org/works/dfcp3k9d/images?id=jx88y9hy>, acesso em: 07 de março de 2025. Domínio público.

Figura 11 - Figueira do Inferno

Fonte: Brandt, Wilhelm, M. Gürke, F. E. Köhler, G. Pabst, G. Schellenberg, and Max Vogtherr. 1883. *Köhler's Medizinal-Pflanzen in Naturgetreuen Abbildungen Mit Kurz Erläuterndem Texte: Atlas Zur Pharmacopoea Germanica, Austriaca, Belgica, Danica, Helvetica, Hungarica, Rossica, Suecica, Neerlandica, British Pharmacopoeia, Zum Codex Medicamentarius, Sowie Zur Pharmacopoeia of the United States of America*. Vol. 1. Gera-Untermhaus: Fr. Eugen Köhler. Domínio Público.

2. GLOSSÁRIO

Para o presente glossário, selecionei termos que considerei de significado menos evidente, englobando nomes de plantas, fármacos e enfermidades, retirados do *corpus* documental e utilizados ao longo da dissertação – a primeira menção a cada um estando em destaque no texto. Para tanto, foram consultados, sobretudo, os dicionários de Raphael Bluteau, Antônio de Moraes Silva e Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, mas, também, outros títulos de cunho médico-farmacêutico, entre eles, os receituários por nós usados no trabalho. Ademais, as siglas sinalizadas ao final das definições, equivalentes às obras consultadas para a obtenção do significado de cada palavra, estarão indicadas ao final do glossário junto de sua referência correspondente. Finalmente, destaco que estão aqui elencados alguns termos desconhecidos cujas definições não foram identificadas.

Abscesso: Tumor que contém pus (A.M.S.);

Acrimônia: Sabor acre (A.M.S.);

Alabastro: Pedra branca e lustrosa (A.M.S.);

Aladão (ou corana): Arbusto de folhas compridas, lisas e frescas (A.C.)

Alcaçuz: Planta que tem a raiz doce (A.M.S.);

Almecega: Resina de lentisco (A.M.S.);

Almorreima: O mesmo que hemorroidas (Medicina);

Alporca: Tumor que apareceria nas glândulas do pescoço (A.M.S.)

Amiudado: Posto a pouca distância (A.M.S.);

Antraz: Carbúnculo (R. B.);

Apoplexia: Ataque do cérebro que priva da sensibilidade e movimento (A.M.S.)

Apostema: Tumor provocado por um humor que se deslocou para partes do corpo a que não pertence (R.B.);

Areca: Fruto indiano parecido com uma avelã (R.B.);

Arrátel: Unidade de medida, equivalente a seis onças (A.M.S.);

Assafétida: Resina retirada do tronco de uma planta cujas folhas são parecidas com as de arruda (R.B);

Atraguírio: Significado não identificado;

Azougue: Mercúrio (A.M.S.)

Balaústia: Flor de romeira silvestre (A.M.S.)

Beldroega: Planta alimentícia cultivada no Brasil e em Portugal (Medicina);

Belida: Manchas que aparecem nos olhos (Medicina);

Berindan: Significado não identificado;

Betle: Planta de cor vermelha usada como martigatório (R.B);

Bexiga: Doença provocada pelo sangue viciado e que gera tumores na pele (R.B.);

Bostela: Tumor na pele (R.B.);

Bouba: Enfermidade contagiosa que aparece na pele, sobretudo em regiões intertropicais (Medicina);

Cachundé: Grãos fabricados a partir de uma pasta que leva almíscar, âmbar e cato e serve para fortificar o estômago (R.A.E.);

Cálamo: Palha do trigo ou da cevada (R. B.);

Cálamo aromático: Planta comum em margens de lagoas, cujo tronco, de propriedade aromática, é muito usado para perfumar roupas (Medicina);

Calumba: Raiz amarga proveniente de regiões da costa africana, útil contra as febres como substituta da quinaquina (R.B.);

Câmaras: Fluxos do ventre; diarreia (Bluteau / Medicina);

Câmaras de sangue: O mesmo que disenteria (Medicina);

Cancro: Mal também denominado como câncer (R. B.);

Caparrosa: Sal mineral congelado de uma água verde destilada das minas e que tem em si alguma virtude metálica (R. B.);

Caquexia: Desequilíbrio humoral que leva a desnutrição e enfraquece as funções vitais (A.M.S.);

Carminativo: Medicamento que combate dores de estômago e intestinos acompanhadas de ventosidades (Medicina);

Castamogrê: Planta encontra em hortas e jardins, de troncos esbranquiçados, folhas verde escuras, flores brancas e sabor amargo (L.C.M.);

Cataplasmo: Emplastro usado no corpo para a cicatrização de feridas (A.M. S.)

Chaga: O mesmo que ferida (Medicina);

Comichão: Coceira (A.M.S.);

Côvado: Unidade de medida equivalente a três palmos, usada na medição de tecidos (R.B.);

Cursos celíacos: Aqueles resultantes de alimentos mal-cozidos no estômago em virtude da digestão demorada (A.C.);

Cursos chilosos: Aqueles que resultam de alimento bem cozido e que são eliminados junto de uma substância chamada chilo (A.C.);

Cursos lientéricos: Aqueles em que o alimento é eliminado sem cozimento, assim que ingeridos (A.C.);

Daim: Leite de vaca cozido, misturado com sumo de limão e coalhado (J. R.);

Diaforética: Que promove a transpiração (A.M.S.);

Eleboro: Erva com virtude de purgar os humores melancólicos (R. B.);

Erisipela: Inflamação na pele que, segundo acreditava-se, seria originária da reação de um ácido com o sangue, fazendo com que este ficasse coalhado nos vasos sanguíneos (R.B.);

Escorbuto: Doença provocada pela alteração no sangue. Causa fraqueza, nódos lívidas, amolecimento das gengivas e hemorragias. (Medicina);

Escrofulária: Erva oficial (A.M. S.);

Esquinência: O mesmo que angina, inflamação na garganta que impede que o enfermo respire e engula (Medicina / A.M. S.);

Estilicídio: Espécie de defluxo em que acode gota a gota ao nariz uma aguadilha (A.M.S.);

Estupor: Adormecimento de determinada parte do corpo, causada por humor cru e frio (R.B.);

Esula: Espécie de titymalo, que lança muitas ramosas, guarneças de folhinhas estreitas como as de pinheiro, cheias de leite, de raiz delgada e vermelha. (R. B.);

Farinha de pau: Farinha de mandioca (Medicina);

Fastio: Repugnância no estômago ao comer (R. B.);

Flato: Porção de ar entremedida nos condutos do sangue, que causa dor e até morte. (A.M.S.);

Fluxão: Corrente de líquido ou humor que corre para alguma parte do corpo (A.M. S.);

Frialdade: Humor frio em alguma parte do corpo (R.B.);

Fugueos: Bolos feitos de farinha de arroz fermentada e fritos em azeite de coco fresco de cocos (L.C.M.);

Galeão: Navio de alto bordo, de carga ou de guerra (A. M. S.);

Gálicos: Mal francês ou venéreo (A.M. S.);

Goma: Tumor originado por humores viscosos, que surge em partes dos braços, das e da cabeça (R.B.);

Gota: Doença causada pela fixação de humores grossos e crus nos pés ou mãos (A.M. S.);

Gota coral: O mesmo que epilepsia (Medicina);

Guaiaco: Espécie de ébano da altura do freixo (A.M. S.);

Hidropisia: Inchaço em qualquer parte do corpo, provocado por acúmulo de água nestas (A. M. S.);

Jagra: Açúcar de palmeira em pó (R. B.);

Jujuba: Fruto de uma árvore árabe (D.V.);

Leonada: Significado não identificado;

Losna: Erva medicinal, também chamada como absinto (R. B. / Medicina);

Madre: Útero (A. M. S.)

Mal francês: O mesmo que gálicos.

Malvaísc: Espécie de malva brava (A. M. S.)

Mogrî: Planta rasteira, amarga, de cor verde e flores brancas (L.C.M.);

Mordexim / Morxi: Cólera (Faridabad.; R. B.);

Naveta: Navio pequeno (R. B.);

Paroxismo: Quando a enfermidade, após curada, volta a ganhar força (R.B.);

Pateca: Forma como os portugueses chamam, na Índia, a melancia (R.B.)

Pau trampa: Significado não identificado;

Payos: Significado não identificado;

Pez preto: Substância preta, lisa e quebradiça obtida através do pinho (Medicina);

Pleuriz: Inflamação na membrana que reveste o pulmão (Medicina);

Poligano: Planta também conhecida como erva dos passarinhos ou erva andorinha (A.M.S.);

Postema: O mesmo que abscesso (Medicina);

Potagem: Fatias de pão molhadas em caldo; bebida (ver o contexto)

Recino: Significado não identificado;

Rosasolis: Bebida feita com aguardente e sândalo vermelho (A.M.S.);

Salsaparrilha: Planta comum em climas temperados, de raiz redonda, dura, rugosa e de cor escura por fora e branca por dentro e folhas verdes, crespas e espinhosas (R. B.);

Salvatela: Veia identificada entre os dedos anelar e mínimo (A.M.S.);

Sandana: Pão ou bolo indiano feito de arroz moído, fermentado e cozido (L.C.M.);

Sapasane / Sapuz: Trepadeira de cor branca ou preta, que cresce se entrelaçando às árvores (L.C.M.)

Sativa: Significado não identificado;

Solan: Erva moura (R.B.);

Solimão: Composição de azougue, sal amoníaco ou salitre e vitríolo sublimados e reduzidos a uma massa venenosa (R. B.);

Sudorífico: Que promove o suor (A.M.S.);

Sutate: Significado não identificado;

Tacamaca: Resina de uma árvore do mesmo nome, que vem da Índia (A.M. S.);

Tanchagem: Erva vulgar (A.M. S.);

Terçã: A que vem de dois dias um e procede da cólera (R. B.);

Tisana: Bebida de cevada cozida e outros ingredientes purgativos (A.M. S.);

Tísico: O que tem chaga no bofe e que se vai mirrando a cada dia (R. B.);

Trocisco: Massa medicinal feita em rodinhas ou pastilhas. (A.M. S.);

Ventosa: Vaso usado sobre a pele para atrair o sangue (Medicina);

Ventosidade: Vapor ventoso do corpo animal (A.M. S./ R. B.);

Verbasco: Erva adstringente criada em lugares arenosos (A.M. S./ R. B.).

Bibliografia do glossário

(R.B.) BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico ...*: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D. Joaõ V. Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728. 8 v; 2 Suplementos.

(A.C.) COSTA, Affonso da. *Árvore da vida dilatada em vistosos e salutiferos ramos ornados de muitas aprasiveis, e saudiveis folhas, em que se deixa ver muitos, e singulares remedios assim simples, como compostos, que a Arte, a experiencia, a industria, e a curiosidade descubrio, para curar com facilidade quasi todas as doenças, e queixas, a que o corpo humano esta sujeito, principalmente em terras destituidas de Medicos e Boticas*. Goa, c.1720.

(Medicina) CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorios para uso das familias, contendo a descripção das Causas, symptomas e tratamento das moléstias; as receitas para cada molestia; As plantas medicinaes e as alimenticias; As aguas mineraes do Brazil, de Portugal e de outros paizes; e muitos conhecimentos uteis*. Paris: A Roger & F Chernoviz, 1890, 2 v.

(Faridabad) FARIDABAD, K. Raghunathan. Garcia de Orta and his work in the field of drugs and medicinal plants. In.: SALEMA, A. (ed.). *Ayurveda at the Crossroads of Care and Cure*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, 2002.

(L.C.M.) MENESES, Luís Cateano de. *Medicina Oriental. Soccorro Indico aos clamores dos Pobres Enfermos do Oriente para total profligação de seus males*, Tomo I, c. 1735-1786.

(R.A.E.) REAL Academia Española. *Diccionario Histórico de la Lengua Española*. Academia Española: Madrid, 1933-1936.

(J.R.) REIS, João dos. *Caderno de Várias Receitas Medicinais Orientais*, 1696.

(A.M.S.) SILVA, Antonio de Moraes; BLUTEAU, Rafael. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Lisboa: Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1789, 2v.

(D.V.) VIEIRA, Domingos. *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza*, Terceiro Volume. Porto: Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1873.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Documentos

COSTA, Affonso da. *Árvore da vida dilatada em vistosos e salutíferos ramos ornados de muitas aprasiveis, e saudiveis folhas, em que se deixa ver muitos, e singulares remedios assim simplices, como compostos, que a Arte, a experiencia, a industria, e a curiosidade descubrio, para curar com facilidade quasi todas as doenças, e queixas, a que o corpo humano esta sojeito, principalmente em terras destituidas de Medicos e Boticas.* Goa, c.1720.

MENESES, Luís Cateano de. *Medicina Oriental. Socorro Indico aos clamores dos Pobres Enfermos do Oriente para total profligação de seus males*, Tomo I, c. 1735-1786.

MENESES, Luís Caetano de. *Medicina Oriental. Pharmacia Indiana*, Tomo II, c. 1735-1786.

REIS, João dos. *Caderno de várias receitas orientais*, 1696.

Documentos secundários

ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU, Goa 26. *Catalogo dos Padres e Irmaos da Comp^a de JESUS da Provincia de Goa.* 1716.

ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU, Goa 26. *Catalogus Patrum et Fratrum Provinciae Goanae.* 1719.

ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU, Goa 26. *Catalogus Patrum et Fratrum Provinciae Goanae.* 1728.

ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU, Goa 26. *Catalogus Patrum et Fratrum Societatis JESV Provinciale Goane.* 1722.

ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU, Goa 26. *Catalogus per dotes; et qualitates sociorum ad Goanam Prov.am pertinentium.* 1716.

ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU, Goa 26. *Catalogus sociorum Prov.ae Goane per loca et officia.* 1725.

ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU, Goa 26. *Catalogus Sociorum Provinciae Goanae.* 1733.

ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU, Goa 26. *Catalogus Sociorum Provinciae Goane per dotes, et qualitates. Confectus.* 1722.

ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU, Goa 26. *Index Alphabeticus ad Catalogum per dotes et qualidares sociorum pertinetium tantummodo ad Provinciam Goanam.* 1719.

ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU, Goa 26. *Tercius Catalogus Personarum ex Provincia Goanna Per dotes et qualitates.* 1713.

ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU, Goa 26. *Secundus Catalogus Personarum ex Provincia Goanna*. 1713.

BHISHAGRATNA, Kaviraj Kunja Lal (ed.). *An English Translation of The Sushsura Samhita*. Calcutá: [s. n.], 1907.

BLOOMFIELD, Maurice (trad.). *Hymns of the Atharva-Veda together with extracts from the ritual books and the commentaries*. Oxford: Clarendon Press, 1897.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico [...]*: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D. João V. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu; Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728.

CARREIRO, Roque. *Relaçam da grande vitória qve os portvgveses alcansaram contra el rey do Achem no cerco de Malaca, donde lhe destruirão todo seu exercito & lhe tomarão toda sua Armada*. Soubese por cartas a Goa em 28 de Fevereiro de 630. Lisboa: por Pedro Craesbeeck Impressor delRey, 1630.

COLEÇÃO de várias receitas e segredos particulares das principais boticas da nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macau e do Brasil. Edição, introdução e notas de Ana Carolina de Carvalho Viotti e Jean Marcel Carvalho França. São Paulo: Edições Loyola, 2019.

COSTA, Affonso da. *Methodo de Bem Viver & Itinerario Christam*. Lisboa: Oficina de Joseph Lopes Ferreyra, 1716.

ERÉDIA, Manuel Godinho de. *Suma das árvores e plantas da Índia Intra Ganges*. Edição: J. G. Everaert; José E. Mendes Ferrão e M. Cândida Liberato. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001.

HENRIQUES, Francisco da Fonseca. *Ancora medicinal para conservar a vida com saude*. Lisboa Ocidental: Na officia de Miguel Rodrigues, 1731.

MANUCCI, Niccolao. *Storia do Mongor, or Mogul India, 1653-1708*. Volume III. Introdução, tradução e notas por William Irvine. Calcutá: Editions Indian, 1966.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von; EICHLER, August Wilhelm; URBAN Ignatz. *Flora Brasiliensis*. Volume XIII, Parte 1, 1841.

MENEZES, Francisco Luís. *Memorias e descriçoens das produçoens da natureza apresentadas à Real Academia das Sciencias de Lisboa*. Advertência, 1768.

ORTA, Garcia da. *Colóquios dos simples, e drogas e coisas medicinais da Índia [...]*. Goa, 1563.

PYRARD, François de. *Viagem de Francisco Pyrard, de Laval; contendo a noticia de sua navegação às Indias Orientaes, Ilhas de Maldiva, Maluco, e ao Brazil [...]*. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1858.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Lisboa: Na Officina de Simão Tadeu Ferreira, 1789.

THE Caraka Samhita. Tradução: Shree Gulabkunverba Ayurvedic Society. Gulabkunverba Ayurvedic Society: Jamnagar, 1949.

Estudos

ABREU, Laurinda. Health care and the spread of medical knowledge in the Portuguese empire, particularly the Estado da Índia (sixteenth to eighteenth centuries). *Medical History*, v. 64, n. 4, pp. 449-466, 2020.

ALAVI, Seema. *Islam and Healing: loss and recovery of an Indo-Muslim medical tradition, 1600-1900*. Grã-Bretanha: Palgrave Macmillan, 2008.

ALDEN, Dauril. *The Making of an Enterprise*. The Society of Jesus in Portugal, Its Empire, and Beyond, 1540-1750. Stanford: Stanford University Press, 1996.

ARAÚJO, Maria Benedita Araújo. *O Conhecimento Empírico dos Fármacos nos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Edições Cosmo, 1992.

ARNOLD, David (ed.); STEIN, Burton. *A History of India*. Chinchester: Blackwell Publishers Ltd., 2010.

_____. *La naturaleza como problema historico*. El médio, la cultura y la Expansión de Europa. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

BABOI, Oana. “Experiencias das Hervas orientates”: um inventário quinhentista de *matéria medica* indiana. In.: BASTOS, Cristiana (org.). *Medicina e Império em Goa*. Do Conhecimento das Plantas à Biopolítica Colonial. Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais, 2022.

BAKER, Herbert G. *Plants and Civilization*. California: Wadsworth Publishing Company, Inc., 1970.

BASHAM, A. L. Society: class, family and individual. In.: BASHAM, A. L. *The Wonder That Was India*. A survey of the history of the Indian sub-continent before the coming of the Muslims. Nova Delhi: Rupa Co., 1981.

BASTOS, Cristiana. Hospitais e Sociedade Colonial. Esplendor, ruína, memória e mudança em Goa. *Ler História*, n. 58, pp. 61-79, 2010.

_____. Together and Apart: Catholics Hospitals in Plural Goa. In.: SPEZIALE, Fabrizio (ed.). *Hospitals in Iran and India, 1500-1950s*. Leiden: Brill, 2012.

BERGER, Rachel. *Ayurveda Made Modern. Political Histories of Indigenous Medicine in North India, 1900-1955*. Londres: Palgrave Macmillan, 2013.

BERNARDO, Luís Manuel A. V. Un cas de réception de la médecine de Georg-Ernst Stahl parmi les Lumières portugaises: l’Historiologia Médica de José Rodrigues de Abreu. *Hermeneia: Journal of Hermeneutics, Art Theory and Criticism*. n. 19, p. 43-59, 2017.

BERRIEDALE, Arthur Keith. *A History of Sanskrit Literature*. Londres: Oxford University Press, 1966.

BETHENCOURT, Francisco. *O Imaginário da magia*. Feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BORGES, Felipe Augusto Fernandes; MENEZES, Sezinando Luiz; COSTA, Célio Juvenal. A Companhia de Jesus e o Seminário de Santa Fé em Goa (1541-1548). *História Unisinos*, v. 24, n. 3, pp. 432-445, 2020.

BOUMEDIENE, Samir. Jesuit recipes, Jesuit receipts: the Society of Jesus and the introduction of exotic *materia medica* into Europe. In.: NEWSON, Linda A. (ed.). *Cultural Worlds of the Jesuits in Colonial Latin America*. Londres: University of London Press, 2020.

BOXER, Charles. *A igreja militante e a expansão ibérica: 1440-1770*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *O Império Marítimo Português, 1415-1825*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *A Índia Portuguesa em meados do século XVII*. Lisboa: Edições 70, 2015.

BRACHT, Fabiano. *Ao Ritmo das Monções. Medicina, Farmácia, Filosofia Natural e Produção de Conhecimento na Índia Portuguesa do século XVIII*. CITCEM; Edições Afrontamento: Porto, 2019.

_____. As ordens religiosas e a construção de uma medicina europeia aplicada aos trópicos: a ação da Companhia de Jesus a partir de Goa. In.: BASTOS, Cristiana (org.). *Medicina e Império em Goa – Do Conhecimento das Plantas à Biopolítica Colonial*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2022.

_____. Physicians, surgeons, merchants and healers: production, circulation and reconfiguration of knowledge in eighteenth-century Portuguese India. In.: MUKHERJEE, Rila; SESHAN, Radhika (eds.). *Indian Ocean Histories: the many worlds of Michael Naylor Pearson*. Abingdon; Nova York: Routledge, 2020.

BÜRGEL, J. Christoph. Secular and Religious Features of Medieval Arabic Medicine. In.: LESLIE, Charles. *Asian Medical Systems: A Comparative Study*. EUA: University Of California Press, 1977.

BURKE, Peter. Cultures of translation in early modern Europe. In.: BURKE, Peter; HSIA, R. Po-chia (eds.). *Cultural Translations in Early Modern Europe*. Nova York: Cambridge University Press, 2007.

_____. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2010.

_____. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

CAGLE, Hugh. *Assembling the Tropics*. Science and Medicine in Portugal's Empire. Reino Unido: Cambridge University Press, 2018.

_____. Cultures of Inquiry, Myths of Empire: Natural History in Colonial Goa. In.: COSTA, Palmira Fontes da (ed.). *Medicine, Trade and Empire*. Garcia de Orta's *Colloquies on the Simples and Drugs of India* (1563) in context. Reino Unido: Ashgate Publishing Limited, 2015.

CARVALHO, Teresa Nobre de. Os diálogos de Orta e Ruano sobre as frutas e legumes do Oriente: os testemunhos de uma outra face da Ásia. In.: BASTOS, Cristiana (org.). *Medicina e Império em Goa*. Do Conhecimento das Plantas à Biopolítica Colonial. Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais, 2022.

CASTRO, Inês de Ornellas e. Prática médica e alimentação nos textos portugueses seiscentistas. In.: COSTA, Palmira Fontes da; CARDOSO, Adelino (orgs.). *Percursos na História do Livro Médico*. Lisboa: Edições Colibri, 2011.

CAVANAUGH, T. A. *Hippocrates' Oath and Asclepios' snake: the birth of the medical profession*. Nova York: Oxford University Press, 2018.

CHOWDHURY, K. A. Prehistoric Period. In.: BOSE, D. M.; SEN, S. N.; SUBBARAYAPPA, B. V. (eds.). *A Concise History of Science*. Nova Delhi: Indian National Science Academy, 1971.

CLOSSEY, Luke. *Salvation and Globalization in the Early Jesuit Missions*. Nova York: Cambridge University Press, 2008.

CORREIA, Vergílio. *Livro dos Regimêtos dos Officiaes mecanicos da mui nobre e sêpre leal cidade de Lixboa* (1572). Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926.

DASH, Bhagwan; KASHYAP, Lalitesh. *Materia Medica of Ayurveda Based on Ayurveda Saukhyam of Tadarananda*. Nova Delhi: Concept Publishing Company, 1980.

DELUMEAU, Jean. *Uma História do Paraíso*. O jardim das delícias. Lisboa: Terramar, 1992.

DIAS, José Pedro Sousa. A Igreja e as Ciências da Saúde em Portugal nos Séculos XVI a XVIII. In.: C. P. Correia, Dias, J. P. S. (eds.). *Assim na Terra como no Céu*. Ciência, Religião e estruturação do Pensamento ocidental. Lisboa: Relógio d'Água, 2003.

_____. *A Farmácia e a História*. Uma introdução à História da Farmácia, da Farmacologia e da Terapêutica. Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2005.

DISNEY, Anthony R. *A History of Portugal and the Portuguese Empire*. From Beginnings to 1807 – Volume 2: The Portuguese Empire. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

_____. Portuguese Expansion, 1400-1800: Encounters, Negotiations, and Interactions. In.: BETHENCOURT, Francisco; CURTO, Diogo Ramada. *Portuguese oceanic expansion, 1400-1800*. Nova York: Cambridge University Press, 2007.

DORÉ, Andréa; FARIA, Patrícia Souza de. *O espaço índico*. In.: ARAÚJO, André de Melo; DORÉ, Andréa; LIMA, Luís Filipe Silvério; MACHEL, Marília de Azambuja Ribeiro; RODRIGUES, Rui Luis (org.). *A Época Moderna*. Petrópolis: Vozes, 2024.

EIJK, Philip J. van der. *Medicine and Philosophy in Classical Antiquity*. Doctors and Philosophers on Nature, Soul, Health and Disease. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 279-280.

_____. Therapeutics. In: HANKINSON, R. J (ed.). *The Cambridge Companion to Galen*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

FERRÃO, José E. Mendes. *A Aventura das Plantas e os Descobrimentos Portugueses*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1992.

FIGUEIREDO, John M. de. Ayurvedic Medicine in Goa According to European Sources in the Sixteenth and Seventeenth Centuries. *Bulletin of the History of Medicine*, v. 58, n. 2, pp. 225-235, 1984.

FIGUEIREDO, João Manuel P. *Goa Dourada nos Séculos XVI e XVII*. O Hospital dos Pobres do Padre Paulo Camerte (esboço de sua reconstituição histórica). Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1968.

_____. The Practice of Indian Medicine in Goa During the Portuguese Rule, 1510-1699. *Luso-Brazilian Review*, vol. 4, n. 1, p. 51-60, 1967.

FILHO, Wellington Bernardelli Silva. A trajetória da Ipecacuanha na Europa: os usos de uma raiz colonial contra a disenteria na época Moderna. *Diálogos*, Maringá, v. 25, n.2, p.21-43, 2021.

_____. *Entre as mezinhas lusitanas e plantas brasileiras: iatroquímica, galenismo e flora medicinal da América portuguesa do século XVIII nas farmacopeias do frei João de Jesus Maria*. (Doutoramento em História e Filosofia das Ciências) - Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências, Lisboa, 2017.

FILLIOZAT, J. *The Classical Doctrine of Indian Medicine*. Its origins and its Greek Parallels. Delhi: Munshiram Manoharlal, 1964.

FLANDRIN, Jean-Louis. Da dietética à gastronomia ou a libertação da gula. In.: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo (dir.). *História da Alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. O uso medicinal de pedras bezoares na obra *Paraguay Natural Ilustrado*, de José Sánchez Labrador, S.J. (1771). *Revista Brasileira de História da Ciência*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 6-15, 2015.

FLOOD, Gavin. *The Blackwell Companion to Hinduism*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

_____. *Uma Introdução ao Hinduísmo*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GAITONDE, P. D. *Portuguese Pioneers in India. Spotlight on Medicine*. Bombay: Popular Prakashan, 1983.

GENTILCORE, David. *Food and Health in Early Modern Europe. Diet, Medicine and Society, 1450-1800*. Londres: Bloomsbury Publishing Plc., 2016.

GHOSH, A. K.; SEN, S. N. The Vedic and Post-Vedic Period. In.: BOSE, D. M.; SEN, S. N.; SUBBARAYAPPA, B. V. (eds.). *A Concise History of Science*. Nova Delhi: Indian National Science Academy, 1971.

GOMIDE, Ana Paula Sena. Um catolicismo possível: a Congregação do Oratório de Goa e sua inserção no Ceilão holandês. *Faces da História*, Assis, v. 6, n. 2, pp. 28-51, 2019.

GRACIAS, Fatima da Silva. *Health and Hygiene in Colonial Goa (1510-1961)*. Nova Delhi: Concept Publishing Company, 1994.

GRUZINSKI, Serge. *As quatro partes do mundo: história de uma mundialização*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Edusp, 2014.

HANKINSON, R. J. Philosophy of nature. HANKINSON, R. J. (ed.). *The Cambridge Companion to Galen*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

HARRIS, Steven J. Confession-Building, Long-Distance Networks, and the Organization of Jesuit Science. *Early Science and Medicine*, v. 1, n. 3, 1996, p. 296-297.

_____. Jesuit Scientific Activity in the Overseas Missions, 1540-1773. *Isis*, v. 96, n. 1, p. 71-79, 2005.

_____. Mapping Jesuit Science. In.: O'MALLEY, John W.; BAILEY, Gauvin Alexander; HARRIS, Steven J.; KENNEDY, T. Frank (eds.). *The Jesuits: cultures, sciences, and the arts, 1540-1773*. Canadá: University of Toronto Press, 2000.

HARRISON, J. B. The Portuguese. In.: BASHAM, A. L. (ed.). *Cultural History of India*. India: Oxford University Press, 1975.

HOLMES, Brooke. Body. In: PORMANN, Peter E. (ed.). *The Cambridge Companion to Hippocrates*. Grã-Bretanha: Cambridge University Press, 2018.

HSIA, Florence C. *Sojourners in a Strange Land: Jesuits and Their Scientific Missions in Late Imperial China*. Chicago: The University of Chicago Press, 2009.

JONES, Constance A.; RYAN, James D. Introduction. Hinduism. In.: JONES, Constance A.; RYAN, James D. *Encyclopedia of Hinduism*. Nova York: Facts On File, 2007.

JOUANNA, Jacques. *Greek Medicine from Hippocrates to Galen: selected papers*. Leiden: Brill, 2012.

KEITH, A. Berridale. *A History of Sanskrit Literature*. Londres: Oxford University Press, 1966.

LARSON, G. J. Ayurveda and the Hindu Philosophical Systems. *Philosophy East and West*, vol. 37, n. 3, pp. 245-259, 1987.

LIEBESKIND, Claudia. Unani Medicine of the Subcontinent. In.: ALPHEN, Jan Van; ARIS, Anthony (eds.). *Oriental Medicine: an illustrated guide to the Asian arts of healing*. Boston: Shambala Publications, 1995.

LINDEMANN, Mary. *Medicine and Society in Early Modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

LIVINGSTONE, David N. *Putting science in its place: geographies of scientific knowledge*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

LOUREIRO, Rui Manuel. Algumas reflexões sobre as pedras preciosas nos Colóquios dos simples de Garcia de Orta. In.: ANDRADE, Antônio Manuel Lopes; MORA, Carlos de Miguel; TORRÃO, João Manuel Nunes (coords.). *Humanismo e Ciência: Antiguidade e Renascimento*. Aveiro, Coimbra, São Paulo: UA Editora, 2015.

MAIA, Patrícia Albano, *Práticas Terapêuticas Jesuíticas no Império Colonial Português: medicamentos e boticas no século XVIII*. 2012. (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MAJNO, Guido. *The Healing Hand. Man and Wound in the Ancient World*. Estados Unidos da América: Harvard University Press, 1991.

MAJUMDAR, R. C. Medicine. In.: BOSE, D. M.; SEN, S. N; SUBBARAYAPPA, B. V. (eds.). *A Concise History of Science*. Nova Delhi: Indian National Science Academy, 1971.

MENON, I. A.; HABERMAN, H. F. The Medical Students' Oath of Ancient India. *Medical History*, vol. 4, n. 3, pp. 295-299, 1970.

OSSWALD, Cristina. A percepção dos jesuítas no mundo português: entre o trato de e o gosto por orientalia (sécs. XVI-XVII). Hipogrifo. *Revista de literatura y cultural del Siglo de Oro*. Nova York, Volumen extraordinario, n.1, p. 245-264, 2018.

PEARSON, Michael N. Hindu Medical Practice in Sixteenth-Century India: Evidence from Portuguese Sources. *Portuguese Studies*, v. 17, pp. 100-113, 2001.

_____. Introduction. In.: PEARSON, Michael. N. (ed.). *Spices in the Indian Ocean World*. Nova York: Routledge, 2016.

PERNAU, Margrit. The Indian Body and the Unani Medicine: Body History as Entangled History. In.: MICHAELS, Axel; WULF, Christoph (eds.). *Images of the Body in India*. Nova Delhi: Routledge, 2011.

PERUCHI, Amanda. As prescrições de Fernão Mendes para a Água da Inglaterra. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. Belém, v. 18, n. 2, p. 1-10, 2023.

POLÓNIA, Amélia. Brokers and go-betweens within the Portuguese State of India (1500-1700). In.: MUKHERJEE, Rila; SESHAN, Radhika (eds.). *Indian Ocean Histories: the many worlds of Michael Naylor Pearson*. Abingdon; Nova York: Routledge, 2020.

_____; BRACHT, Fabiano. Circulating Knowledge: Eighteenth-Century Medical Manuscripts produced in Portuguese India. In.: BALA, Poonam (ed.). *Learning from Empire: Medicine, Knowledge and Transfers under Portuguese Rule*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2018.

PORMANN, Peter E. Introduction. In: PORMANN, Peter E. (ed.). *The Cambridge Companion to Hippocrates*. Grã-Bretanha: Cambridge University Press, 2018.

PORTER, Roy. What is Disease? In: PORTER, Roy (ed.). *The Cambridge Illustrated History of Medicine*. Grã-Bretanha: Cambridge University Press, 1996.

_____; VIGARELLO, Georges. Corpo, saúde e doenças. In.: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (dir.). *História do Corpo: Da Renascença às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. *The Greatest Benefit to Mankind: A medical History of Humanity from Antiquity to the Present*. Londres: Fontana Press, 1999.

PUGLIANO, Valentina. Natural history in the apothecary's shop. In.: CURRY, H. A.; JARDINE, J. A.; SPARY, E. C. (ed.). *World of Natural History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

PYM, Anthony. Negotiating the Frontier. Translators and Intercultures in Hispanic History. Abingdon; Nova York: Routledge, 2014.

RAJ, Kapil. Conexões, cruzamentos, circulações. A passagem da cartografia britânica pela Índia, séculos XVII-XIX. *Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias*, v. 24, p. 155-179, 2007(a).

_____. Go-Betweens, Travelers, and Cultural Translators. In.: LIGHTMAN, Bernard (ed.). *A Companion to the History of Science*. Chichester: John Wiley & Sons Ltd, 2016.

_____. *Relocating modern science: circulation and the construction of knowledge in South Asia and Europe, 1650-1900*. Hampshire; Nova York: Palgrave Macmillan, 2007 (b).

RENN, Jürgen. *The evolution of knowledge: rethinking science for the Anthropocene*. Princeton: Princeton University Press, 2020.

_____; HYMAN, Malcom D. The Globalization of Knowledge in History: An Introduction In.: RENN, Jürgen (ed.). *The Globalization of Knowledge in History*. Berlim: Edition Open Access, 2017.

RIDDLE, John M. *Dioscorides on Pharmacy and Medicine*. Austin: University of Texas Press, 1985.

ROBSON, N. K. B. (ed.); SIVARAJAN, V. V. *Introduction to the Principles of Plant Taxonomy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

RUSSELL-WOOD, Anthony J. R., *Um Mundo em Movimento*. Os portugueses na África, Ásia e América (1415-1808). Algés: Difel, 1998.

SALEMA, A. Introduction. In.: SALEMA, A. (ed.). *Ayurveda at the Crossroads of Care and Cure*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, 2002.

SALIM, A. I. A costa oriental da África. In.: OGOT, Bethwell Allan (ed.). *História Geral da África V. África do século XVI ao XVIII*. Brasília: UNESCO, 2010.

SHIEFSKY, Mark J. *Hippocrates on Ancient Medicine*. Translated with introduction and commentary. Leiden: Brill, 2005.

SOUZA, Laís Viena de. *Missionários do Corpo e da Alma. Assistência, saberes e práticas de cura nas missões, colégios e hospitais da Companhia de Jesus (Goa e Bahia, 1542-1622)*. 2018. 324 f. Tese (Doutorado em História). Universidade de Évora, Évora.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Further thoughts on an enigma: The tortuous life of Nicolò Manucci, 1638–c. 1720. *The Indian Economic and Social History Review*, vol. 45, n. 1, p. 35-79, 2008.

_____. *The Portuguese Empire in Asia, 1500-1700: a political and economic history*. Chichester: John Wiley & Sons Limited, 2012.

THOMAZ, Luís Filipe F. R. *De Ceuta a Timor*. Portugal: Difel, 1994.

TRINDADE, Laís dos Santos Pinto; BELTRAN, Maria Helena Roxo. As práticas femininas e os conhecimentos sobre a matéria: alguns antigos cosméticos. *Revista Brasileira de História da Ciência*. Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 39-48, 2017.

TRIVELATTO, Francesca. The organization of trade in Europe and Asia, 1400-1800. In.: BENTLEY, Jerry H.; SUBRAHMANYAM, Sanjay; WIESNER-HANKS, Merry E. (eds.). *The Cambridge Worlds History: Volume VI, The Construction of a Global World, 1400-1800 C.E - Part 2: Patterns of Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

VIGARELLO, Georges. *História das Práticas de Saúde*. A saúde e a doença desde a Idade Média. Lisboa: Editorial Notícias, 2001.

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. *As Práticas e os Saberes Médicos no Brasil Colonial (1677-1808)*. São Paulo: Alameda, 2017.

VOGT, Sabine. Drugs and pharmacology. In: HANKINSON, R. J (ed.). *The Cambridge Companion to Galen*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

WALKER, Timothy. ‘Enduring Echoes of Garcia de Orta’: the Royal Hospital Gardens in Goa and Evolving Hybridization in Portuguese Colonial Medical Culture. In.: COSTA, Palmira Fontes da (ed.). *Medicine, Trade and Empire: Garcia de Orta’s Colloquies on the simples and drugs of India (1563) in Context*. Surrey: 2015.

_____. Acquisition and Circulation of Medical Knowledge within the Early Modern Portuguese Colonial Empire. In.: BLEICHMAR, Daniela; VOS, Paula de; HUFFINE, Kristin; SHEEHAN, Kevin (eds). *Science in the Spanish and Portuguese empires, 1500-1800*. Stanford: Stanford University Press, 2009.

_____. Evidence of the Use of Ayurvedic Medicine in the Medical Institutions of Portuguese India, 1680-1830. In.: SALEMA, A. (ed.). *Ayurveda at the Crossroads of Care and Cure*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, 2002.

_____. Global Cross-Cultural Dissemination of Indigenous Medical Practices through the Portuguese Colonial System: Evidence from Sixteenth to Eighteenth-Century Ethno-Botanical Manuscripts. In.: WENDT, Helge (ed.). *The Globalization of Knowledge in the Iberian Colonial World*. Berlim: Edition Open Access, 2016.

_____. Stocking Colonial Pharmacies: Commerce in South Asian Indigenous Medicines from their Native Sources in the Portuguese Estado da Índia. In.: MUKHERJEE, Rila (ed.). *Networks in the First Global Age (1400-1800)*. Nova Delhi: Primus Press, 2011.

_____. Técnicas terapêuticas nativas da Índia utilizadas nas instituições médicas coloniais portuguesas de Goa, Damão e Diu (1680-1830). In.: BASTOS, Cristiana (org.). *Medicina e Império em Goa. Do Conhecimento das Plantas à Biopolítica Colonial*. Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais, 2022.

WENDT, Helge. Introduction: Competing Scientific Cultures and the Globalization of Knowledge in the Iberian Colonial World. In.: WENDT, Helge (ed.). *The Globalization of Knowledge in the Iberian Colonial World*. Alemanha: Edition Open Access, 2017.

WINTER, H. J. J. Science. In: BASHAM, A. L. (ed.). *Cultural History of India*. India: Oxford University Press, 1975.

WITZEL, Michael. Vedas and Upaniṣads. In.: FLOOD, Gavin (ed.). *The Blackwell Companion to Hinduism*. Reino Unido: Blackwell Publishing Ltd., 2003.

WUJASTYK, Dominik. Medicine in India. In.: ALPHEN, Jan Van; ARIS, Anthony (eds.). *Oriental Medicine: an illustrated guide to the Asian arts of healing*. Boston: Shambala Publications, 1995.

_____. *The Roots of Ayurveda*. Selection from Sanskrit Medical Writings. Nova Delhi: Penguin Books India, 1998.

_____. *The Science of Medicine*. In.: FLOOD, Gavin (ed.). *The Blackwell Companion to Hinduism*. Reino Unido: Blackwell Publishing, 2003.

WEATHERALL, Miles. Drug Treatment and the rise of pharmacology. PORTER, Roy (ed.). *The Cambridge Illustrated History of Medicine*. Grã-Bretanha: Cambridge University Press, 1996.

WEGNER, Ana Paula. A administração da África Oriental Portuguesa na segunda metade do século XVIII: Notas para o estudo da região de Moçambique. *História Unisinos*. n. 11(1):72-83, Janeiro/Abril, 2007.

XAVIER, Ângela Barreto. *A invenção de Goa*. Poder imperial e conversões culturais nos séculos XVI e XVII. Tese (Doutorado em História & Civilização) - Departamento de História E Civilização, Instituto Universitário Europeu, Florença, p. 662, 2003.

ŽUPANOV, Ines G.; XAVIER, Ângela Barreto. Quest for Permanence in the Tropics: Portuguese Bioprospecting in Asia (16th-18th Centuries), *Journal of the Economic and Social History of the Orient*, n. 57, pp. 511-548, 2014.

_____. *Missionary Tropics*. The Catholic Frontier in India (16th - 17th Centuries). Estados Unidos da América: The university of Michigan Press, 2005.

ZYSK, Kenneth G. *Ascetism and Healing in Ancient India*. Medicine in the Buddhist Monastery. Delhi: Montilal Banarsidass, 2000.